

O QUE VAI SER A REDISTRIBUIÇÃO FÍSICA DA REDE ESCOLARPAG. 7

O PAULISTA GANHA SEU PRIMEIRO TÍTULO DE CAMPEÃOPAG.10

O ENSINO NO GEVA E DIVINA PROVIDÊNCIA.....PAG.16

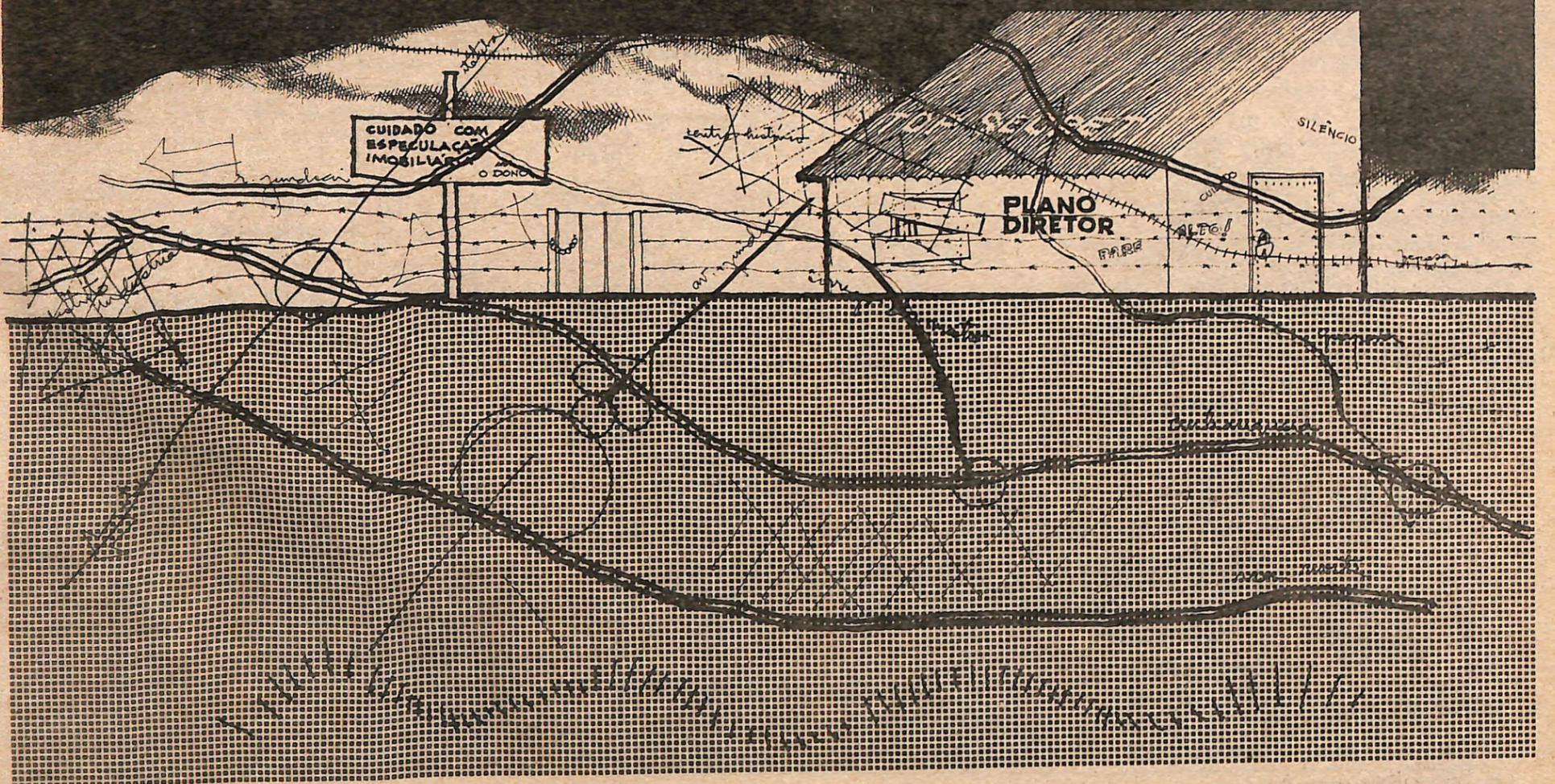
PREÇO DESTE EXEMPLAR

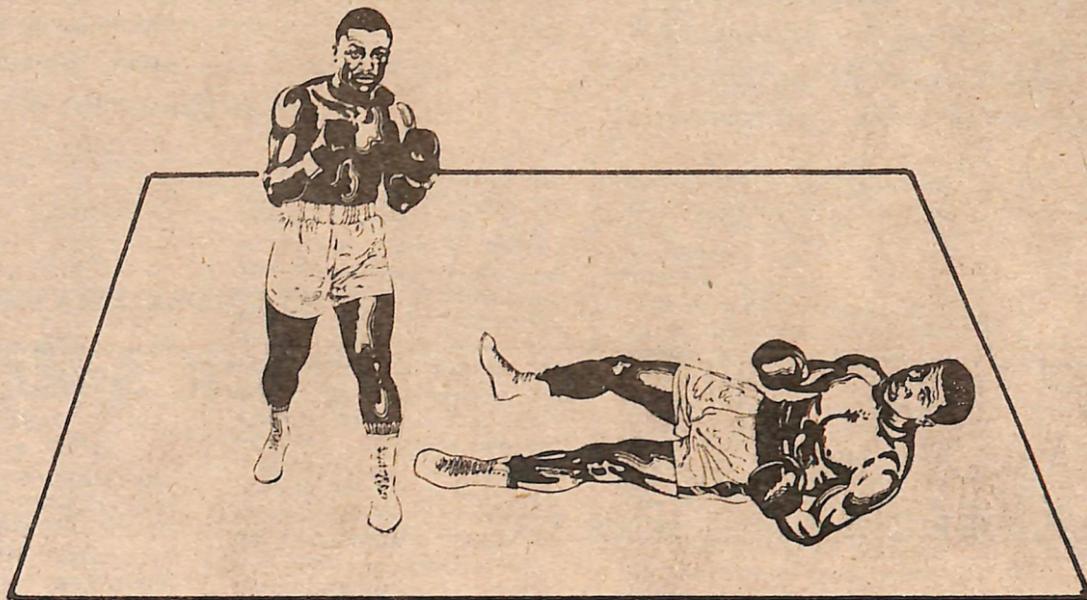
CR. \$ 2,00



MALTA FALA DE SEU PLANO

PAGS 8 E 9





Versiculo 1, corinthio 0

“Os negócios estão andando, o país está crescendo. Esperar que os pombos botem ovos quadrados é absolutamente estúpido de sua parte. Primeiro, porque esse tipo de comparação não existe, nunca ninguém falou nisso. Ainda se fosse “chover canivete, o Chico vir de baixo”, vá lá. Mas pombos e ovos quadrados é estúpido! Até porque quase não se vê mais pombo, estúpido!”

“Quanto a esperar que nós ganhemos todos os mundiais de futebol, isso é outra grande asneira de sua parte!”

“Os adversários estão jogando cada vez mais pesado. As arbitragens estão cada vez piores. E já não temos mais Pelé.”

“A verdade é uma só: os negócios não param, você parou! Reconheça: voce parou!”

“Agora, ouça aqui uma coisa: já pensou se todo mundo parasse? Se o engenheiro parasse, o padeiro parasse, o comerciante parasse, a dona de casa parasse, o estudante parasse, o médico parasse, o motorista de praça parasse, o leiteiro parasse, o ator de novela parasse, o bombeiro parasse, o mecânico-eletricista parasse, o dono da mercearia parasse, o feirante parasse, se todo mundo parasse? Ia adiantar campeonato mundial? Ia adiantar essa estupidez de pombo botar ovo quadrado?”

“Nem é preciso exagerar. Basta

lembrar que os árabes resolveram parar de fornecer petróleo ao preço antigo.

“Pronto: o custo de vida subiu, a dívida externa cresceu, a gasolina descambou a má distribuição de renda se acentuou, a criminalidade aumentou, a dissidência política se revelou, as multinacionais ficaram mais vorazes, a desordem nos outros países ganhou proporções catastróficas, a corrupção grassou, a insegurança aumentou, a inflação ficou mais difícil de ser contida em quase todos os países de economia capitalista (veja os Estados Unidos!).”

“Tudo por que? Porque os países produtores de petróleo pararam!”

“E agora, você! Agora, você também resolveu parar!”

“O que? Você não tem nada a ver com o petróleo? Pois bem, fiquemos aqui mesmo, entre nós, aqui dentro.”

“Imagine se todos aqui dentro resolvem seguir o teu exemplo e param de repente.”

“Já pensou no prejuízo que o teu exemplo provocaria? O cimento estragando, o ferro enferrujando, as tábuas apodrecendo, os prazos de entrega passando, as multas contratuais comendo soltas, já pensou, seu estúpido?”. E dizendo isso o dono da construtora despediu, com justa causa, Severino, brasileiro, profissão: ajudante de pedreiros.

Erazé Martinho

Canto chorado

Os funambulos da situação estão apregoando grandes novidades no setor turístico aqui da **chupetopolis**.

Deixem que me explique já que as coisas soam melhor quando são bem explicadinhas: **Chupetopolis** é um neologismo eufêmico que o vulgo criou para não dizer abertamente que a úbere municipal está repleta de sugadores, coisa que, afinal de contas, todo mundo já sabe.

Mas, voltando às alvissaras do turismo. Vão fazer da enfeitada terra dos jundiás uma vitrine de “boulevard”, super-extasiante aos olhos gulosos do forasteiro.

As **festas tradicionais** de há três anos relegadas serão reativadas no ciclo eleitoral através do dinamismo impulsivo do novo timoneiro.

No Natal, o esplendor das luminúras resplandescentes vai ofuscar o próprio luar e as constelações estelares; a “desterrada” Serra do Japi fará inveja aos jardins suspensos da Babilônia; o Carnaval vai ser “aquele tríduo”, tão ruidoso e gozador a ponto de tornar o contribuinte insensível aos contragolpes do predial; o parque da Festa da Uva será tão pródigo em “babylândia” que o pobre Disney se o pudesse contemplar ficaria um tanto quanto envergonhado.

Por falar em Festa da Uva. Dizem que a dita não sai. Negam-lhe apoio algumas faixas setoriais sem o concurso das quais a vaca vai p’ro brejo...

O que será que pôs água na fervura daqueles agrônomos outrora tão prestantes e solícitos? Que é deles e porque descartaram uma incumbência tão fascinante?!...

Viaja no ar um zum-zum dando a entender que não querem meter a mão em combuca.

Até agora não viram as contas da outra, o que reputam fato muito significativo para quem não se dispõe a embarcar em canôa furada.

Segundo os mexeriqueiros, o balanço não sai, porque...ah, deixemos isso p’ra lá. Águas passadas não rodam moinhos. Ademais, “si embroglio tché, no si vede”.

Mas, vamos e venhamos. Uma festinha da uva, agora, nestes tempos bicudos, até que não ia mal. Quebrava o galho enquanto o turismo está se vestindo para saldar as promessas que vem alardeando, mas que, de repente, se soltarem o diabo, podem cair no vazio.

Seja lá como for, o que não se deve aceitar é que pela simples razão de a anterior não apresentar o balanço de suas contas fique o povo sem a Festa da Uva.

Pensando bem, que influência malévola pode ter um simples balanço para decidir em torno de um tentame tão popular?

Eu não consigo entender
Que por coisa tão banal
Possas essa festa não ser

Depois da festa, o balanço,
Pensando bem, é um fricote,
Se tudo o mais cheira a ranço.

SIMÃO



**TIPOGRAFIA
JUNDIÁ**
IMPRESSOS
EM GERAL

Rua Cel. Leme da Fonseca,
210 — Fone: 6-3099

PAÑSERVIÇOS

Composições Linotipográficas

Encadernação — Desenhos
Rua Marechal Deodoro da
Fonseca, 565

EXPEDIENTE — JORNAL DE 2ª FEIRA

Propriedade da Editora Japi Ltda.
Rua Senador Fonseca, 1.044 — Fone: 4-2759
Redator-Chefe: Celso Francisco de Paula
Capa: Araken Martinho
Ilustrações: Eduardo de Souza Filho
Oficinas Impressoras: “Cruzeiro do Sul”
R. de São Bento, 245 — Sorocaba
Assinaturas
Semestral — Cr\$ 70,00 e Anual — Cr\$ 120,00

Concorrências públicas - V

Recebidas as propostas numa concorrência pública, cumpre ao órgão administrativo encaminhá-las à Comissão de Licitação que naturalmente é composta por homens capazes e de confiança do Chefe do Executivo. A essa comissão compete examinar todas as propostas e dar parecer fundamentado que possibilite ao julgador (Prefeito) homologar a que melhor convier sob o ponto de vista do interesse público.

Apresentadas que foram as três propostas para a execução do plano viário pelo preço global de Cr\$ 178.212.128,85, um fato curioso se deu, desde logo.

Em lugar das propostas serem estudadas pela Comissão de Licitação da Prefeitura o foram por outra Comissão Julgadora Especial, constituída de três cidadãos completamente alheios aos problemas jundiaenses, sendo um residente em São Paulo, outro em São José dos Campos e mais um em Niterói. Não estamos dizendo que essa Comissão não entendia do assunto. Só achamos que não entendia mais que o corpo técnico da Prefeitura e da Comissão de Licitação Municipal.

Estamos apenas registrando que os técnicos não foram ouvidos e que a Comissão de Licitação apenas concordou com o parecer.

É bem de se ver que algo deve ter inspirado o Prefeito para essa atitude. Ou não tinha confiança

na sua Comissão de Licitação ou não a considerava capaz de tamanha responsabilidade.

O fato é que a Comissão Especial, já que houve três concorrentes com o mesmo preço, deu parecer classificando a vencedora, apoiada inteiramente em critérios subjetivos.

Se não há diferença no preço, tem-se que procurar outros fatores para escolher a melhor proposta. Prazos de entrega, prazos de pagamento, importância da empresa e por que não, preços unitários, pois que sempre há previsão da extensão do contrato.

A Comissão, no entanto, classificou a firma que foi contratada, baseando-se inteiramente em critérios artificiais, pois, adotou a aceitação de vantagens técnicas e financeiras.

Registremos um. A firma vencedora, a Gutierrez, naturalmente de grande porte, uma das maiores do país, sem favor e com reais méritos, apresentava-se como detentora de uma grande equipe de técnicos e enorme frota de viaturas ou máquinas apropriadas ao serviço.

É, sem dúvida, um critério artificial, por dois motivos muito claros. Primeiro porque não quer dizer que as outras não tivessem técnicos suficientes para as nossas obras e bem assim condições de executar o serviço a contento. Segundo, porque no contrato não se faz menção de quantos técnicos ficariam na cidade e quantas máquinas em operação. Tanto assim, sabe-se, muito serviço foi

executado com equipamentos pertencentes a terceiros sob locação. Ora, atendendo-se a esse fato, poderia até acontecer que as outras empresas que perderam colocassem mais técnicos e mais máquinas. Nessas condições, as vantagens técnicas caem por terra.

Agora, as de caráter financeiro. O fator adotado pela Comissão não corresponde à verdade, pois, considerou o plano financeiro da vencedora o melhor, com a estranha afirmação de que o desembolso maior no início da obra seria vantajoso para a Prefeitura. Isso não precisa nem comentar.

Na verdade, um desempate torna-se fácil sem se incorrer em ilícito.

O que causou e causa espécie, todavia, é que ninguém, nem palavra se ouviu dos responsáveis, nenhuma frase se registrou, para o único ato justo, sereno e precavido que se deveria esperar na boa condução do problema: **a concorrência tinha que ser anulada**, uma vez que se evidenciou a fragilidade do prévio orçamento e a disparidade incrível entre os concorrentes quando discriminaram seus preços unitários. Tais discrepâncias, estavam a exigir, na defesa do erário público, uma nova concorrência. Um pequeno atraso no início das obras representaria economia de muitos milhões de cruzeiros. continua.

VIRGILIO TORRICELLI.

Ecoss & Comentários

Aqueles que leram as notas publicadas por este jornal sob o título "FIM DE GOVERNO: APOCALIPSE", devem estar estupefatos pelo que lhes foi dado mostrar, através de gráficos, números e conceitos em torno dos descaminhos por que vem trilhando a administração municipal.

— "Despesas correntes: Dados de Estarrecer", "Uma Orgia de Gastos", "Pessoal: Cada Vez Chegando Mais", "Terceiros: Cada Vez Levando Mais", "No Endividamento, o Desrespeito ao Governo Federal", "Nos Juros, o Prenúncio da Tempestade", eis os cabeçalhos de paciente pesquisa levada a efeito pelo nosso confrade, para ventilar, em epítomes estatísticos, o tenebroso despenhadeiro por onde já começam a rolar os escombros da economia municipal.

Pondo à frente de suas ilações cifras e dados de incontestável precisão, deixa antever através das **dívidas fundadas e flutuantes**, o caos financeiro que desgraçadamente não chegará a transceder, siquer o apagar das luzes do malsinado exercício próximo vindouro.

Não vamos repisar o que já foi dito na edição anterior, ainda, porque não seríamos capazes de fazê-lo com a mesma concisão e estilo do nosso colega, ao expôr, sem adereços nem circunlóquios, os impressionantes deslises do chefe do executivo ao gerir a coisa pública.

Vamos nos ater, por isso mesmo, tão só e unicamente a uma das vergontosas negativas da administração qual seja a que concerne à verba destinada à publicidade.

Só para o gabinete do executivo está prevista, para 1976, uma consignação orçamentária de dois milhões de cruzeiros (!) além de outros oitocentos e oitenta e cinco mil cruzeiros, distribuídos para três outros setores que, por força de um círculo vicioso, vão ser dissipados pela mesma fonte, ou seja, à talante do sr. prefeito.

Assim sendo, porque de fato é, há que se deduzir, sem necessidade de usar nenhuma bola de cristal, que s.s. vai continuar no ano que vem, a gastar dinheiro público com papeluchos coloridos de propaganda pessoal.

Além de leis, editos e avisos de conhecimento geral que justificam a sua divulgação durante o correr do ano, o resto é patacoada. É matéria que, se afixada no lugar de costume, preenche perfeitamente as exigências legais.

Quanto aos quartos de primeira página para saudar os municípios aniversariantes e as efemérides de maior ou menor significado, e quejandos, estes se fazem com o indisfarçável propósito de uma pretensa cobertura para a evasão dos milhares de cruzeiros que mantém açaimada a voz da crítica através dos veículos publicitários.

Entretanto, ocioso é dizer, que se aplicada essa verba em obras de infra-estrutura, como por exemplo rede de água em bairros e subúrbios que carentes a estão reclamando com urgência, quanto não poderia ser feito em benefício das respectivas populações?

Em resumo: é o caso de se repetir a frase do poeta — PROVIDÊNCIA ONDE ESTÁS QUE EU TE QUERO INSULTAR...

ELCIO VARGAS

RESTAURANTE DOM GUIDO

JÁ EM FUNCIONAMENTO

RUA DO ROSÁRIO, 670

Amor: essa sublime virtude

Amar é caminhar de olhos fitos nos céus,
Mais distante do mundo e mais perto de Deus.

Devemos reconhecer que em tudo existe uma força desconhecida e causa única, geradora da vida universal e que a humanidade foi criada para um só e único princípio, devendo identificar-se com o VERBO DIVINO que se chama AMOR!

Com o amor se incute bondade e respeito, tolerância recíproca, desculpando-se erros dos nossos semelhantes e procurando com corduras e táticas sociais arrancá-los dos erros em que se acham submergidos, não considerando a quem quer que seja seu inimigo.

Pelo amor podemos chegar ao livre e pacífico progresso, estabelecendo uma fórmula de eterna e universal justiça, dando oportunidade a todo o ser humano para que possa desenvolver livremente as suas faculdades, concorrendo para a comum felicidade do gênero humano, aniquilando fanatismos e superstições, extirpando ódios entre raças e, consequentemente eliminando da face da terra o açoite das guerras fratricidas.

Na perpetuação da espécie encontramos no amor a vontade que aspira viver, transportando lágrimas num âmago de doçura, para que se crie um ser distinto e novo, numa afirmação constante do próprio homem ao realizar a essência humana. É a alegria borbulhante na clareza das proporções e no enobrecimento da alma.

Na escalada dos mortais ele se classifica como o mais formoso, restando entre deuses e homens, porque nele se corporifica o esplendor da essência divina, sendo por si só o Divino Criador do universo todo.

Na voz do trovador se manifesta como hino universal, revelando-se na flor através da sua beleza e aroma ou na voz do poeta como canto sombrio a embalar a alma das colinas, nem sempre compreendido, todavia.

No amor encontramos forças que nos impulsionam e nos encorajam a vencer com dignidade e a morrer sem convalida, sempre a procura de uma felicidade distante, rápida e fugaz ou de uma sorte tantas vezes ávara, dando-nos pela sua pureza e capacidade o ensejo de nos transformarmos, aceitando o inferno como um paraíso.

Voltaire, espirituoso e elegante, já afirmava em sua filosofia: "Desde a Itália até a França, o sol não mais do que uma imensa família que deve reger-se pelas leis do amor. Mortais todos somos, IRMÃOS!"

Não seria por uma vaga idéia de justiça mas sim pelo concreto sentimento do amor e paz que os grandes rebentos da família humana continuam unidos, sentimento este que jamais poderá ser confundido em seu aspecto e encarnadura através do modo em que ora se procura oferecer-lhe as gentes, numa autêntica caracterização tão ridícula quanto grotesca manifestação de sentimento com os dedos em "V".

Perder-se-ia nas noites dos tempos a idéia do homem que se propusesse encontrar uma única ocasião em que tivesse sido falado, como hoje tanto se fala, em PAZ E AMOR. Contudo, não se tem, também, idéia formada de haver tempo algum em que a família humana mais se dividisse, fruto inconteste da intolerância e incompreensão e do abuso dos direitos que cabem a cada um, gerando conflitos entre raças, crenças e cor, num verdadeiro atentado contra a própria espécie.

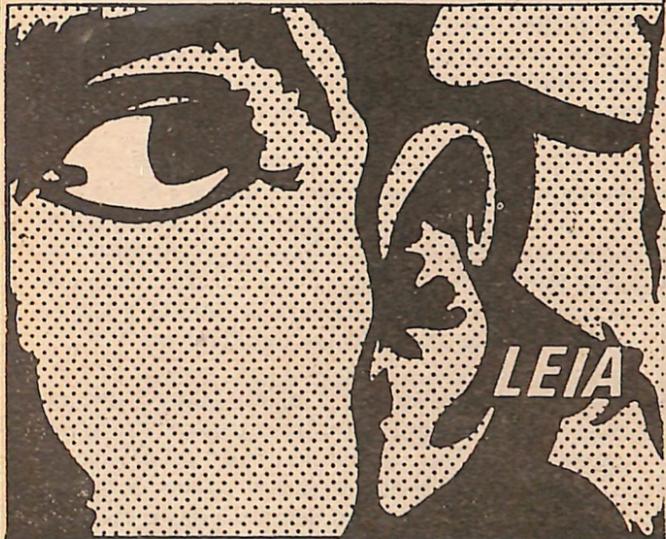
Bastaria que compreendêssemos e nos compenetrássemos do poder e da força do amor como elemento básico para que se estabelecesse a tão necessária solidariedade de que carece a família humana porque pelo amor se explica, se compreende, se outorga, se concede e se perdôa.

Poderoso e superior sentimento, serve de atração à constante e eterna mutação das coisas, para que se acomode, numa afirmação perpétua de unificação.

Os mais altos e nobres conceitos ditados pela consciência humana são desenvolvidas pelas irradiações do amor e para ele convergem os reflexos do mundo, transmutando-se em beleza, conhecimento, bondade e justiça.

Cultivemos o amor, graça divina e estaremos abrindo portas à compreensão, reconhecendo os direitos que cabem a cada um, para que possamos ter uma razão irrefutável que justifique a nossa rápida passagem por este mundo.

Ulysses Jorge Martinho



OFERTÃO

do

JORNAL DE 2.a FEIRA

Fazendo já a sua assinatura para 1976, ela começa a valer a partir de novembro. Quer dizer, você ganha dois meses de lambuja. Ligue-se conosco para aproveitar essa chance.

Nosso telefone: 4-2759.

Os mandamentos contra o vício

Sr., já há algum tempo os jornais de São Paulo e algumas revistas nacionais publicaram notas sobre a coleção "Brasil Hoje", mencionada pelo Jornal de 2ª, nº 19, inclusive transcrevendo os 10 "mandamentos" anti-adolescentes viciados.

E mesmo os gustavoscórções da vida foram unânimes em considerar aquelas recomendações um verdadeiro atentado ao bom senso, de vez que os "sintomas" do garoto suspeito nada mais são do que uma fase normal do adolescente, sendo criminosa a vinculação desses "sintomas" com o vício.

Agora, depois de muito tempo, vêm vocês recomendando a leitura dessa bobagem (e, o que é pior, transcrevendo as asneiras), numa atitude perigosa e irresponsável, ou de irresponsabilidade, já que o autor é alheio ao jornal.

Lamentável e pouco criteriosa a nota sobre "Brasil Hoje". Ou para ficar mais em dia com as expressões dos adolescentes: **careta!**

Valéria R. de Moura.

Cinema, aqui.

Cinema em Jundiaí está piorando cada vez mais!

Todo mundo sabe que em certos cinemas paga-se somente meia entrada em dias de semana; mas quando chega sábado e domingo, estudante que quiser pagar meia tem que ir até de uniforme, se não tiver que mostrar carteira de identidade, título de eleitor e certificado de reservista.

Comédia em Jundiaí também não é recomendável assistir, principalmente por aqueles que acham graça nas pequenas coisas; é que não é muito difícil entre uma gargalhada e outra o lanterninha o chamar para rir lá fora, dizendo que aqui não é Ipiranga, é um cinema de respeito.

Enfim, o Jundiaense além de assistir só filmes mal passados e batidos, se quiser assistir até o fim, o jeito mesmo é ir pra São Paulo!

Di Nicola

Percival de Souza

SEMCEN SURA

Putz! Qual é o problema aí pessoal?

Tô aí, oferecendo o sangue.

Pode pedir, qualquer coisa.

Se eu puder fazer, pode crer que eu faço, se não puder, arrumo quem faça.

Acabei de ler o 16 (J2) (A um Passo da Eternidade, pág. 15).

Não deixem o hebdô cair sem antes gritar.

Gritar muito.

Que medo! Ufs!

Contribuições:

Uma das maneiras de tentar ajudar.

Embora eu sinta que não é muito bom, eu vou começar a mandar (NÃO ESTOU QUERENDO CONFETE NÃO, VIU Ô!)

Taquí, censura na censura.

É que eu saquei aí um tipo de poesia, meio na calçada. Saquei da matemática e comecei somar as palavras:....Ator

Ator, Atura, Tor+tura...(A-atura

(....Tortura

Foi essa a jogada.

Saiu o seguinte:

o SEMCEN SURA o (?) ou "SURASURRA" (?)

...Tá lá atrás.

"Verde que te quero verde".

Assim como ele estava ao lado dos pobres, oprimidos, eu estou, com a mesma força; ao lado de vocês.

Curto um xodó danado por todos aí.

Beijos, B.C.

MANO: Um beijo a você, um "niela" e outro na Suzi.

10/11/12

(Qui Qui Qui)

Nota: A parte em que o BC.

menciona: Tá lá atrás, está ao lado.

ATOR

ATURO

TORTURA

DOR!!!

TORTURADOR Do

ATOR

SUA CENSURA

SURRA

SENSO

SÓ SENCEN SURA!

(O) ATOR

ATURA

(A) SUA CENSURA

TORTURA

SURRA

DOR

TORTURADOR DO

SENSO

ATOR SÓ SEMCEN SURA!

SENSO ATOR

CENSURA

A TORTURA

A SURRA

A DOR

CEN SURASURRA

SEN SOSÓ SEMCEN SURA!

Tai, isso foi nos 20 do 1º dia deste ano.

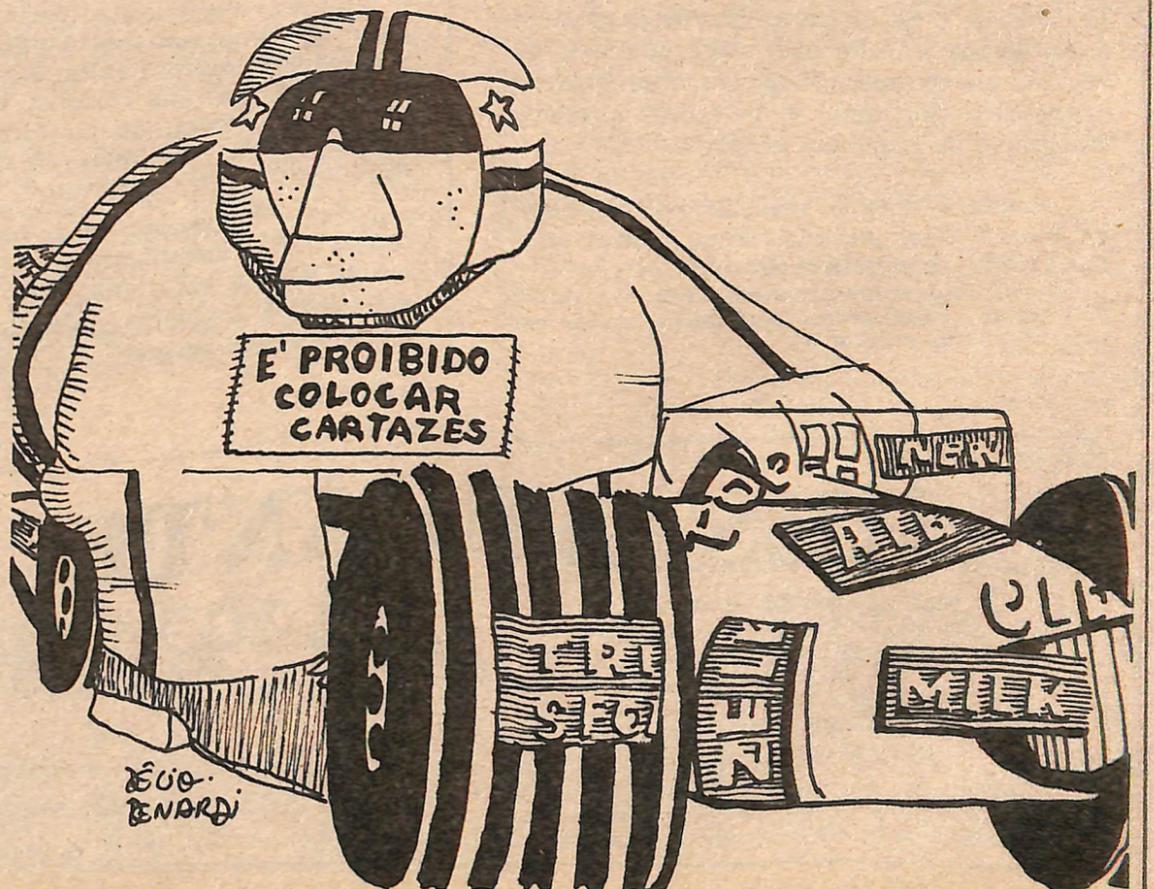
PS. 2 — MANO: Caso estas-
jas precisando de mão de obra barata e boa (eu acho), estou aqui.

Não esqueça.

Se possível for, escreva-me a respeito das coisas (Tô curioso)

Outro!

Rua Gal. Jardim, 688 6 71



O guarda-chuva de Mino Carta

Enquanto alguém tentava atear fogo ao Reichstag usando um prosáico Magli-
klik, os acontecimentos se sucederam
numa marcha realmente irrefreável. Mas
acontece que o Reichstag negou fogo (tal-
vez por excesso de umidade no ar) e o fato
é que os acontecimentos voltaram ao trilho
da normalidade. Ou pelo menos, voltaram
ao trilho.

(Diz o jornalista Mino Carta, em uma
de suas admiráveis cartas semanais ao lei-
tor, na revista *Veja*, que a linguagem obli-
qua é uma necessidade tão incômoda como
um guarda-chuva. E que ela — como o
objeto citado — só é usada quando real-
mente chove. Devemos deduzir por acaso,
que está chovendo? Sei lá: vá até a janela
e espie).

Mas essa introdução um tanto gon-
górica, e até mesmo hermética, como
diriam críticos de cinema extasiados,
nada mais é do que um pretexto para, do
geral, descer até o particular. Na verdade,
a narrativa de uma experiência particu-
lar, desde que inserida num contexto glo-
balizante, pode vir a ser uma tese de alto
conteúdo social, não pode?.

Naturalmente, não é minha intenção,
em absoluto, atribuir à minha recente
crise renal um conteúdo altamente social,
e nem mesmo considerá-la fato de alta
relevância jornalística, mesmo porque,
nos últimos dias, as crises renais, desde a
do generalíssimo Franco (que nem rim
mais tem) até a de um desconhecido cro-
nista local, ocuparam mais linhas do que
mereceria um simples baço, ou quem sabe
um modesto pâncreas.

Acontece que carregar um desses ór-
gãos, (o rim é um órgão? Socorra-me pro-
fessor Cruz, dos meus velhos tempos de
Instituto) atingido por uma inexplicável e
extemporânea disfunção, pelos caminhos
de Hipócrates, pode ser uma experiência
vivencial das mais curiosas.

A dor, efetivamente, não pode ser cha-
mada de curiosa. Já a enfermeira encarre-
gada de prestar os primeiros socorros ao
combalido órgão, num sanatório chamado
Santa Catarina, não pode ser acusada de
excesso de sutileza ou de falta de curiosi-
dade.

—Sinto muito, mas o hospital aqui é
particular — respondia ela, insistentemente,
de madrugada, pelo telefone, a
quem não lhe perguntava absolutamente
nada sobre isso.

—Mas tem um médico de plantão aí?
perguntava um solidário amigo.

—É, mas o hospital aqui é particular.
—Eu quero saber se tem médico de
plantão.

—Ter, tem, mas o hospital aqui é par-
ticular.

Derrotada, depois de ingentes lutas, a
barreira da particularidade do hospital,
que absolutamente não vinha ao caso, eu e
meu órgão subitamente adoecido, conse-
guimos ultrapassar, não sem muito
heroísmo, a particularíssima soleira
daquele inexpugnável nosócomio.

O fato de o diagnóstico ter sido feito
por um cirurgião plástico, único discípulo

de Hipócrates disponível naquele urgente
momento, não chega a ser propriamente
uma tragédia. O caso era simples, o diag-
nóstico idem, e a cura ibidem.

Depois de algumas agradáveis horas
passadas no leito do ambulatório, acompa-
nhando a deliciosa sensação de alívio da
dissipação da dor, e acompanhando tam-
bém a particularíssima conversa entre
enfermeiros e enfermeiras, (aí vai uma
constatação social: a classe é desunida; e
mais: quem trabalha no outro turno, é
sempre incompetente), veio a constatação
de que não era difícil apenas entrar no hos-
pital. Que o mais difícil mesmo era sair.
Uma irmã de caridade de olhar-desculpem
a expressão — idiota, não conseguia admitir
que uma pessoa, depois de passar algu-
mas horas deitada numa cama de ambula-
tório, com as roupas naturalmente amar-
fanhadas, o cabelo rigorosamente despenteado,
e provavelmente com uma expressão
no mínimo pouco saudável, pudesse
retirar-se do hospital, sem mais nem
menos. Daí o diálogo:

—Quem é o senhor?
—(... identificação exata, minha e do
solidário acompanhante).

—E onde vai?
—Embora, se a senhora deixar.
—Porque?
—Já estou curado.
—E de onde vem?
—Do ambulatório.
—O que estava fazendo lá?
—Sarando. E dormindo.
—Ninguém dorme no ambulatório.
—Eu dormi, cara senhora.
—Como
—Assim (segue-se uma demonstração
didática a respeito do sono)

No olhar da irmãzinha, um irreprimí-
vel ar de suspeição. Como infelizmente
não havia mais clima para o diálogo, hou-
vemos por bem ligar o carro, arrancar e
sair deixando a irmã deselegantemente
atônita.

Depois, naturalmente, os exames,
algumas pequenas torturas físicas (entre
as quais 80 gramas de óleo de ricino) e a
constatação de uma surpreendente sani-
dade. O diagnóstico final falava de um pos-
sível, melífluo e inexplicável cálculo que
obra do acaso, nasceu, surgiu e migrou
não se sabe para onde.

Além da constatação feita linhas atrás
(a de que a classe enfermarial é desu-
nidada) o caso permite alinhar outros:

a) os rins existem.
b) as irmãs de caridade não o são
tanto assim.
c) os cálculos vêm e vão não se sabe
prá onde.
d) o óleo de ricino não é apenas uma
arma com que os fascistas acalmavam os
seus opositores.

e) se a Medicina vendesse ações na
bolsa, adeus Petrobrás, Acesita e Vale do
Rio Doce.

f) gastar 90 linhas escrevendo sobre
rins, equivale a andar com o guarda-chuva
de Mino Carta, aberto.

Sandro Vaia.

Cana peojota

Meu pai parou. Pés abertos em v, mãos
nas cadeiras, que nem lavadeira. Na
feição um ar de desacomodado:

— Êta ferro Juca, trá veis? Océ num
toma jeito, c' os diabo!

Meu tio Juca. Alambiqueiro. Alambique
de barro. Canavial de cana rosa, cana ris-
cada, cana caiana, caninha. Conta'dinho,
trinta alqueires e uma quarta mais cinco
litros, medido certinho ali na corda. O
corte principiava em junho no Santo Anto-
nio de Lisboa, dia 13, que nesse dia se cor-
tava uma cana só, que nesse dia era
pecado "trabaiá" não acontece do Santo
"embravecê" el'era lóco de bão mas
tamem lóco de vingativo. Começava o
corte no dia 14 de junho dia de São Basílio,
o Grande e só findava dia de São Tomás no
dia 29 de dezembro. Porque no 30 de
dezembro era a Oitava de Natal e também
"num se podia trabaiá" e nem no dia 31 dia
do São Silvestre. Mas no dia 14 de junho
cinc'ora da matina começava o corte
bravo, inda "co orvaio moiando" tudo,
gente e podão, que nem se via a hora que o
sol secasse tudo pra fazê o aceiro e "po-
nhá" fogo no quartel de cana. E ói que
cana queimada livrava a gente das cobras
e do juçá mas era uma pretura de quei-
mado que não tinha fim.

E os carros de boi, 4 juntas cada um,
mesa com fueros de doze palmos, cada
carro mais cantadô de o outro, e nho Zico
carreiro, orgulhoso da sua boiada - no
cabeçalho o "relojo" e o "malado" na
retranca o "corruira" e o "negrão" parece
até escalação de futebol mas era assim
oito bois "tudo bão de canga", cada um no
seu lado certo, que boi da direita, que
boi da esquerda, boi de cabeçalho, boi de
guia cada um no seu ponto certo. E o
carreiro co'a sua vara de agulhão roseta
na ponta chuchando o boi que lerdasse, e
o menino guia lá na frente ajudando a
manobra:

— Bamo, bamo relojo! Puxa negrão.
Costa, costa "martelo", Fasta diabo duma
figa! Vá estrêlo! Gritaço mais linda, o
solão quente e o carro cantadô... Nhééé...
nhiii... nhóóó... e a boiada no seu passo
lerdo e firme no compasso do grito.

A estrada ruim e o carreiro reclamando:

— Buraquêra do demo... Desconjuro
vobis... Passa maiado!

E meu tio reclamava da cana quei-
mada. Que não servia, qu'era ruim, dava
mau gosto na pinga. E ia a "orde" prá num
queimá e não queimavam... e depois quei-
mavam outra veis, que tinha muita cobra,
cascavé e jararaca; mais brabesa do tio e
assim ia a safra inteirinha. Almoço as oito
e meia, café nas Ave Maria do melo dia,
que nas Ave Maria das seis carecia já tá
tudo em casa de cara lavada fazendo boca
prá janta, feijão com toicinho defumado,
farinha de milho...

A cana era moída em duas moendas;
uma tocada na roda d'água, um despropo-
sito de grande, tinha três varas de altura,
mas assim mesmo não vencía a canalada
que vinha da roça. Então tinha uma outra
de almajarra. Meceis sabem como é,
puxada por uma parelha de burros que
ficavam virando em volta, que nem na
olaria. Só que no lugar da maromba tem
moenda.

A bica de garapa jorrava despejada na
tina onde, coisa mais misteriosa,
começava daí uns dias a ferver sem fogo,
aquela espumarada já derramando
quente mesmo no inverno.

Um dia, no mais aceso da safra, outubro,
no no dia 3, dia de Santa Terezinha, apare-
ceu de charrete um homem, não se sabe de
adonde, e o tal trouxe umas mudas de
cana diferente. Disse o nome dela e o meu
tio escreveu no batente do alambique:
Peojota 290. O tal falou qu'esta cana não
ficava doente, todo mundo sirriu, que cana
não era gente prá ficá doente, e plantou
por plantar. A tal cana era grande e dura
que nem bambú e ganhou um apelido: "es-
tóra moenda" porque não havia moenda
que aguentasse. Da visita do homem res-
tou uma pequena e eterna confusão: El'era
um "ingronimo" e tinha no bolso um relo-
gio qu'era um agronometro; e a cana que
ficou lá pruma banda.

Na destilação da pinga tinha três partes:
a cabeça qu'era o começo da pinga, que
era forte como o diabo. O corpo que era
pinga boa. E o pé que era jogado fora. Meu
tio conhecia as três "esprementando". E
esprementa-que-te-esprementa, ficava
tonto, ficava de "pé redondo" não parava
mais de pé. Daí o esparramo do meu pai
que não gostava de bebedeiras.

Mas o tio Juca fazia açúcar também.
Cana sem queimar e caldo coado num
pano, caldo apanado, pano de saco, esti-
cado numa armação de pau-darco ou
taquara-póca. E meu tio fazia melado.
Garapa em fogo fraco, pra não queimar.
Quando ficava na cor de "oro vélo" tava
pronta. Meu pai dizia:

— Melado cum farinha é tão bão que
nem bejo da muié da gente.

E minha mãe braba:
— Tome tento, ói as crianca!
Brabesa brilhando nos zoio contente.

Ai chegou aquele ano agourento de ruim.
A cana não cresceu; o pouco que cresceu
não deu caldo. O pouco caldo que deu não
tinha doce. Onde tava aquela canaiada
cardosa? Era vé cana tísica, que Deus me
Perdoe (disse meu tio) e em seguida:

— A tal cana doente!
Correu vé a peojota 290. Tava lá, firmosa
cardosa, doce que nem mel.

Foi ano de prejuizo por demais, não
havia dinheiro pra comprar o pouco que
era comprado: sal, botinas (só pra mis-
sa) e roupas. Ano ruim.

A cana enfezada, começou a soltar uns
chicotinhos pretos lá nos ponteiros e
escura, escura, era o "carvão". O "car-
vão" acabou com todos os canaviais - eu
acho que do mundo inteiro.

Fizemos mutirão, meu pai e família,
tudo na ajuda, aramos todo o canavial e
plantações a unida cana sadia conhecida.
A tal que o "ingronimo" que tinha "relojo
agronometro" tinha trazido.

E o tal home? O ingronimo? Sumiu. E
meu tio:

— Ingronimo nada. Foi o anjo Gabrié
que veio prá judá nois!

Nome, cana peojota. Apelido, São
Gabrié. Cana de São Gabrié.

Meceis estão estranhando qu'eu num
falei de político vereador; é que este conto
é de muita valia, e prosa de ensinamento
não vem do bico de "Carqué" um.

Bartimeu.

Plantão

O grito no escuro, um corpo que cai: João Batista de Castro, 19 anos, despenca do 4º andar do prédio do Departamento Estadual de Investigações Criminais (S. Paulo) e cai sobre uma marquise, a poucos metros de um estacionamento. João, levado às pressas para a Santa Casa, sobrevive. Mas paga um alto preço pela vida: rompimento da bexiga, que o obriga a usar permanentemente uma sonda ligada a um saquinho plástico; mobilização dos dedos do pé; fratura nas pernas. Durante meses, andou se arrastando com duas muletas. Melhorou e procurou a Justiça.

Diante do juiz-corregedor dos Presídios e da Polícia Judiciária, Renato Laercio Talli, o rapaz contou a sua triste história: detido no centro, suspeito de roubo, foi levado para o Deic. Lá, entre choques pelo corpo e baldes de água sobre o corpo nudo, foi colocado na janela para "confessar seus roubos". Ai, então, caiu. Ou foi jogado. Ou escorregou.

Naturalmente, o policial acusado — o investigador Jorge Augusto de Oliveira Souza, mais conhecido por Carioca — nega tudo: foi João quem se atirou da janela.

Do fato, lamentável, podem ser feitas duas análises:

1 — Mesmo admitindo-se a hipótese do rapaz ter se jogado pela janela, só pode ter feito isso se ficou apavorado. De qualquer forma, fica muito claro que quando ele procurou a Justiça para contar seu caso não havia nenhuma acusação concreta (nem vaga) contra ele. Pelo contrário: apurou-se que João trabalhava normalmente e, até agora, nada foi formalizado contra o rapaz. É — qualquer que seja a versão aceita como verdadeira para explicar a queda — uma consequência dos métodos superados ainda adotados por certa área da Polícia. Ora, prender alguém entre interrogatórios sutis ou não descobrir se ele fez alguma coisa, é pura demonstração de incompetência. O policial que trabalha com inteligência não precisa ser um James Bond para, a partir da origem de um caso qualquer, chegar ao autor.

Por isso, tem circulado entre os meios policiais paulistas uma plada sobre agentes policiais superados. Quem me contou esta, foi um delegado. Trata-se do caso do investigador que teria abordado, arrogantemente, um homossexual. O rápido diálogo:

—Aqui é Polícia!

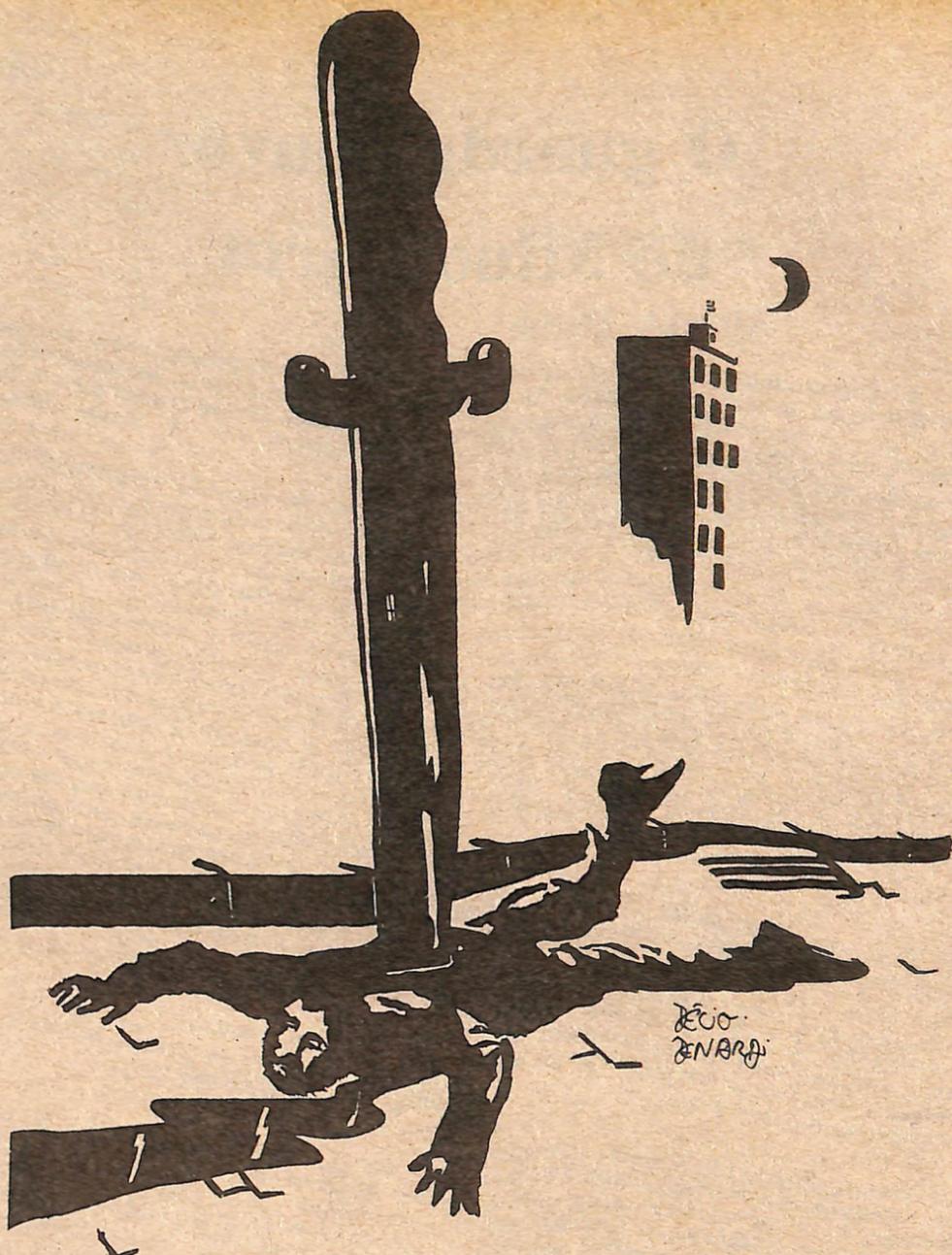
—Bem feito! Quem mandou não estudar?



Evidentemente, não se trata de uma crítica generalizada. Existem os policiais que procuram criteriosamente agir. Mas, a bem da verdade, são considerados "poetas" e "sonhadores" por certos tipos de agentes. De qualquer forma, a Corregedoria da Polícia Judiciária está apurando tudo.

2 — Por ser o que se convencionou chamar um João ninguém, João Batista Castro só recebeu a minha atenção na imprensa paulista. Nos demais jornais, nenhuma linha.

Agora, não tenho dúvidas: se João Batista de Castro não fosse João ninguém, haveria um escândalo nacional. Principalmente pelo fato, indiscutível, de que se trata um cidadão inocente, que não pode, pelo menos até agora, ser acusado de nada. Quer dizer: a posição social do indivíduo influi decisivamente em tudo. Como diria P. Faffitte: um cretino pobre é um cretino; um cretino rico é um rico.



AH
MABS



LAGO AZUL

RESTAURANTE
PIZZARIA
CHURRASCARIA
SAUNA * MOTEL

VIA ANHANGUERA, KM. 72

7 Dias em Iguazu e

Buenos Aires

PARA SUAS COMPRAS DE NATAL
IDA E VOLTA — Cr\$ 1.800,00

Abite Turismo

RUA DO ROSÁRIO, 585 — FONES: 6-1530 e 4-3922

O MELHOR
PLANO
NACIONAL

60 MESES

A MAIS
COMPLETA
LINHA DE
VEÍCULOS.

SEM ENTRADA, SEM JUROS E SEM RESERVA DE DOMINIO

CONSÓRCIO NACIONAL

Ford Administração e Consórcios Ltda.
Certificado de Autorização da Secretaria da Receita Federal 10/116

O ÚNICO COM GARANTIA DE FÁBRICA



A SUA GRANDE
CHANCE ESTÁ NA

VESCAM S.A.

Indústria e Comércio

AVENIDA JUNDIAÍ, 1465
TELEFONE: 4-0478

O que vai mudar nas escolas com a redistribuição física

Foi formado em Jundiaí um grupo para planejar a implantação de cursos profissionalizantes e redistribuição da rede física das escolas de Jundiaí e seu melhor meio de adaptação.

A coordenadora deste trabalho é a professora Angélica Maria Polenti Cremonesi que explica:

"Este trabalho já passou por várias verificações e tudo indica que será implantado agora em 1976. Agora estamos na fase de divulgação deste projeto, porque está havendo uma série de considerações em desacordo com o trabalho feito".

O professor Paulo Mongerri, que é outro componente do grupo local diz que participa deste projeto porque se baseia

na 5692, lei que já devia ter sido implantada e que segundo ele vai realmente democratizar o ensino.

Com respeito ao 2º grau existem dois pareceres, comenta o professor Mongerri: Um anterior a 5692, que localiza os cursos profissionalizantes nos estabelecimentos que já vem ministrando; um segundo que diz que os cursos de segundo grau serão únicos, ficando portanto um só curso e opção feita no segundo ano.

Toda essa problemática é somente para fazer com que o aluno ande menos, corra menos perigo e nesta fase do projeto, a principal preocupação é com o corpo docente e sua colocação, porque não haverão mais escolas funcionando com 1º e 2º grau, por isso já propomos a necessidade de 16 novas unidades e a ampliação das escolas com mais 26 salas de aula, mas mesmo assim algumas destas funcionarão com 4 ou até 5 períodos de aula, prejudicando bastante o ensino, que nem com 3 períodos funciona bem, apesar de que esta é uma medida de urgência.

A professora Arcina afirma que com a divisão das escolas em 1º e 2º graus, haverá condições mais favoráveis para o cumprimento de suas finalidades, originando daí uma melhor utilização dos recursos materiais e humanos.

Somente com o Instituto foi aberta uma exceção, tendo este, cursos de 1º e 2º grau. O 1º grau será lecionado no período diurno, funcionando conjuntamente duas classes de 2º grau, para formação de professores e no período noturno, o 2º grau profissionalizante, mas somente para aqueles que provarem que trabalham, os outros serão distribuídos nas demais escolas do mesmo grau.

Ocorrerá uma modificação muito grande quanto ao currículo, haverá nova estrutura pedagógica e os professores estão passando por um período de reciclagem.

Essa é uma mudança radical na redistribuição dos alunos mas será que no lugar da democratização do ensino não vai ocorrer algo justamente o contrário? É mais uma coisa para pensarmos e esperarmos que dessa bagunça total resulte algo bom.

Foi assim a "Expo-Artes" do Divino



O colégio Divino Salvador teve sua III Expo-Artes de 6 a 10 de novembro e sua exposição contou com pinturas, esculturas, xilogravuras, trabalhos de artesanato e outros tipos, feitos por alunos, professores e convidados, a exemplo de Edson de Castro, que participou com algumas de suas esculturas.

Também para comemorar essa III Expo-Artes os alunos apresentaram a peça "O Planeta dos Palhaços", que foi dirigida mais ao público infantil mas que divertiu inclusive os adultos, que tiveram grande frequência. Este é mais um movimento do teatro estudantil jun-

dialense que começa, apesar de todas as suas dificuldades. Para esta apresentação o grupo contou com grande apoio da escola e o seu próprio esforço e com a ajuda do professor Washington Simões.

A peça teve a duração de uma hora e meia e durante todo esse tempo conseguiu prender a atenção das crianças. Os componentes

do grupo são: Elizabeth Duran, Elizabete Rangel, Paulo Zacarias, Pedro Borvin, Marco Corroul, Siu-mara, Marquinho, Marco Poma, Jaderson Spina, Junia Bitencoust. O encarregado da direção é o professor Washington Simões, da iluminação é o Paulo e do som é o Edson. Contou também com a colaboração do Armando, do Grutil; do José Luiz, do Grutex e da Elona, na maquiagem.

JUNDIAÍ CLINICAS



LOCAIS DE ATENDIMENTO

UNIDADE CENTRO

Rua Siqueira de Moraes, 242

Fones: 4-1067 e 4-1777

UNIDADE ANCHIETA

Rua Padre Anchieta, 476

Fone: 4-2454

UNIDADE RANGEL

Rua Rangel Pestana, 222

Fone: 4-1001

UNIDADE PRUDENTE

Rua Prudente de Moraes, 1372

Fone: 6-6964

UNIDADE DE ABREUGRAFIA

Rua Prudente de Moraes, 1372

UNIDADE CAMPO LIMPO

Av. Manoel Tavares da Silva, 495

Campo Limpo Paulista

HOSPITAL

SANTA RITA DE CASSIA

Praça Rotatória, s/n. — J. Messina

Fone: 4-1666

67⁸ 75
ANOS



CONSTRUTORA
JUNDIAÍ LTDA.

r. Siqueira de Moraes n° 578
8º andar - conjunto 801 - C

AGORA VOCE JA' TEM ONDE IR

ZETISERVE

A LANCHONETE SOFISTICADA DA CIDADE
O LUGAR QUE ESTAVA FALTANDO EM JUNDIAÍ
LÁ VOCE VAI PODER SABOREAR O LEGÍTIMO
FRANGO FRITO SERVIDO PELO
PROCESSO CHICKEN-IN



avenida antonio segre, 504

JUNDI HOBBIES

BRINQUEDOS
PEÇAS E DECORAÇÃO
TUDO PARA
PINTURA
E DESENHO
rosário 550
fone. 4-3187



FOTOCOPIADORA
MALTONI



nós temos o melhor serviço
de xerox da cidade.

rosário, 618 - fone: 6-8460

DISTRIBUIDORA KINHO

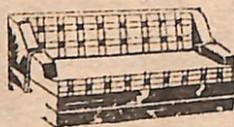
FRIOS E LATICÍNIOS EM GERAL
ATACADO E VAREJO

nery aparecido rodrigues

rua marechal deodoro r. 282 fone 6-7521

TAPEÇARIA
BRASIL

ESPECIALIDADE
EM TAPEÇARIA DE
AUTOS E MOVEIS



rua dr. torres neves n: 224
FONE: 6-5977

PROJETOS RESIDENCIAIS
CONSTRUÇÕES-REFORMAS
SERVIÇOS RÁPIDOS E SEGUROS



HIDROTECNICA

projetos e execuções

rua marechal deodoro - 303
(ao lado da Secretaria de Obras)



Jundiá no Núcleo de arquitetos

O Dia do Urbanismo, transcrito a 8 de novembro, foi comemorado pelo IAB-SP, Núcleo local, com uma palestra do arquiteto Cândido Malta, assessor de urbanismo da Prefeitura, no dia 12, quarta-feira última.

A iniciativa daquela entidade presidida pelo arquiteto Igar Fehir foi um verdadeiro brinde a nossa cidade. Muito embora as afirmações do expositor nem sempre convencessem a platéia, esta se manteve atenta e participante até o começo da madrugada do dia 13, dando à reunião a característica de um verdadeiro fórum de debates.

De sala cheia, além de arquitetos, engenheiros, somava-se aos presentes um

grupo de estudantes e outros interessados, inclusive o vereador Carlos Ungaro, presidente da Câmara Municipal.

Quando foi aberto o debate, a participação dos assistentes enriqueceu em muito a reunião, deixando patente uma já tradição dos jundienses como interessados e atuantes nos assuntos do planejamento da nossa comunidade. Este aspecto coincide com as teses modernas de planejamento urbano, as quais invocam a necessidade de participação da própria coletividade nas decisões dos planos em elaboração. E, pois, preciso que a revisão do Plano Diretor que ora está sendo feita não fique dependente de comemorações para ser tornada pública; é preciso que seja exposta, de forma clara, a toda a população do Município, desde o centro até os bairros mais afastados.

Uma decepção: o Plano é só físico-territorial

Por que não o Plano de Desenvolvimento Integrado?

— (...) Seria uma coisa complementar do que está sendo feito.

Em sua palestra de quarta-feira última, na sede da Associação dos Engenheiros de Jundiá e Núcleo local do I.A.B. pelo qual foi convidado para marcar a passagem do Dia Mundial do Urbanismo, o arquiteto Cândido Malta, assessor da Prefeitura Municipal de Jundiá contratado para efetuar a revisão do Plano Diretor Físico-Territorial, fez uma exposição dos trabalhos que sua equipe está realizando.

Inicialmente, abordou aspectos históricos e tendências do desenvolvimento em diversas cidades para, em seguida, apresentar aos profissionais presentes o resultado dos estudos realizados até aqui, sintetizando em cinco plantas com dados de ocupação atual do solo urbano do Município.

Depois de explicar com dese-

nhos esquemáticos algumas medidas adotadas para a definição da estrutura viária, apontando vias municipais e estaduais que compõem o quadro local, Cândido Malta se colocou à disposição dos presentes para um debate em torno de suas considerações. Nessa oportunidade foram levantadas diversas questões, vindo a ser assim respondidas:

A política de ocupação do solo, para uso industrial, habitacional, serviços, áreas verdes, lazer, como está sendo tratada em seu plano? (pergunta da arquiteta Zuzana Traldi de Souza).

— — Cândido — (...) Bom, de um modo geral, a localização básica como eu já expus, seria a área residencial tanto na direção da serra do Japi, como na direção do Caxambu, duas ou três zonas de intensidade decrescente, desde a parte mais antiga de Jundiá até chegar na serra do Japi. Essas densidades ainda não estão definidas de tudo. O valor exato delas. E vai se procurar essa definição dentro de um plebiscito de aproveitamento, como é usual ser feito,

embora esse plebiscito não garanta totalmente a densidade, porque para cada tipo de classe de renda há uma ocupação por metro quadrado diferente. É possível construir duas vezes a área do lote. E nesse bairro de baixa classe de renda pode se construir apartamentos ou casas. Esse mesmo índice de utilização, num bairro de alta renda, vai significar n/2, os apartamentos serão maiores e o número de famílias será menor. Mas o único jeito é esse de tentar definir através de coeficientes de utilização.

“Sistema Viário Básico — esse me parece que foi um bom investimento”.

A localização industrial está se procurando fazer, como também é usual, uma reunião de indústrias que não causam malefícios para a vizinhança e pode se misturar com a área residencial. O que aqui, o que está se pensando em fazer é definir uma legislação que se apoie na Cetesb. Toda legislação anti-poluente ela tem uma dificuldade, que é a definição do que é poluente e do que não é poluente. Se nós partirmos para uma mera classificação de indústrias, dizendo assim: a indústria química é poluente, esse termo está muito genérico, pois terá aquelas indústrias que são e aquelas que não são poluentes.

A definição final caberá à Cetesb, face ao processo industrial que a indústria se propõe a utilizar. Então, nesse caso, o que estamos pensando fazer é que a indústria, ao ela propor a sua localização em Jundiá, aceite um termo de compromisso com a Prefeitura, pelo qual ela se declara cumpridora das obrigações, das definições e dos parâmetros que a Cetesb deverá definir, em termos de grau de poluição, tanto atmosférica como a poluição hídrica.

Essa nos pareceu a solução mais correta porque esses parâmetros são muito mutáveis e

exigem uma tecnologia que uma prefeitura sozinha não pode ter toda uma equipe de técnicos capaz de avaliar processos de produção industrial para verificar se são poluentes ou se o projeto de proteção ou de filtragem da poluição está sendo proposto é suficiente ou não é. Então, esse é o encaminhamento na localização industrial.

No que se refere ao setor de serviços, nos parece que ele obedece a uma lógica mais fácil de ser definida. Provavelmente se pensará numa estratificação do centro atual. E no desenvolvimento do comércio local ao longo das vias, também de importância local, como é o normal ocorrer, e para o qual nós não vemos inconveniente nenhum que se manifeste assim.

Os loteamentos de baixa densidade são os dos terrenos denominados chácaras de recreio. Eles terão em torno de oito mil metros quadrados de tamanho, sem máximo, evidentemente. Um tamanho médio da ordem de cinco mil metros quadrados; uma taxa de ocupação, por exemplo, da ordem de 0,2 (20%).

O plano de que a cidade precisa

O Plano de Desenvolvimento Local Integrado do Município deve ser entendido como o desencadeamento de um processo de Planejamento Integrado do Município, processo este que visará integrar as ações dos órgãos e investimentos governamentais a nível local e orientador para a iniciativa privada.

Embora o produto final possa ser um documento (este não deve ser considerado como fim de si mesmo, mas um meio de permitir a racionalização das ações e investimentos no Município, de modo a incentivar o desenvolvimento integrado da comunidade que aqui reside, seja eliminando as áreas de atrito, seja promovendo a elevação do nível de renda e sua melhor distribuição, seja estimulando as áreas de participação e convívio da coletividade entre si e com as que mantêm relações intensas).

Para tanto, o Plano se utilizará de meios adequados, recursos humanos e detalhamento suficiente e servirá como instrumento avaliador para obtenção de empréstimos e financiamentos para sua implantação, através de planos setoriais e projetos específicos.

Ao que se sabe, ainda vigora como técnica recomendável a realização de um Plano de Desenvolvimento Local Integrado. Isto significa que os assuntos econômicos, sociais e administrativos são encarados como relevantes nas decisões de planejar o desenvolvimento de um Município.

No nosso caso, em especial, quando atravessamos uma fase

de expansão industrial violenta, os estudos de economia e as implicações sociais deveriam ser objeto de pesquisa e análise rigorosas. Seus resultados são peças básicas indispensáveis às oposituras de um planejamento local.

As afirmações do assessor de urbanismo da Prefeitura, de que tais peças não passam de

grandes relatórios grampeados ("integrados por grampos", conforme suas palavras) e de pouca utilidade de fato surpreenderam a plateia presente à sua palestra.

Sabe-se que a Prefeitura mantém convênio com as Faculdades "Padre Anchieta", através do qual deve receber colaboração sobre assuntos de economia e administração, e

não se compreende por que não a aproveita objetivamente.

Decepção-se quando o próprio assessor de urbanismo afirma que trabalhos daqueles técnicos não têm condições de utilização no planejamento urbano. De fato, o arquiteto Cândido Malta parece bem desligado dos aspectos econômicos do Município de Jundiá. Basta lembrar que falou — e

repetiu — que a tendência do crescimento urbano tem a direção do vale do rio Jundiá, coincidindo com o acerto da localização do Distrito Industrial e enfatizando a importância de ser estimulada essa expansão, mas confessou desconhecer que a própria administração municipal não dá a mesma importância do Distrito, quando, no orçamento do

corrente ano, da ordem de **CR\$ 300 milhões**, estimou a aplicação de somente **Cr\$ 10 mil** em obras naquele local.

A revisão do Plano Diretor Físico Territorial de Jundiá, que vem sendo elaborada pelo arquiteto Malta nesses três últimos anos, foi prometido ser apresentado como anteprojeto, até o final deste ano, para a necessária apreciação.



Também está se pensando em fazer uma taxa de ocupação para os platôs, isso no sentido da preservação da paisagem porque infelizmente, é muito comum, mesmo em áreas de serra, as casas cortam demais os terrenos, fazendo grandes cortes e aterros, criando grandes platôs e acabando por resolver o projeto como se fosse um projeto feito para área plana, sem tirar partido da declividade do terreno; isto parece mal porque acaba por desfigurar a paisagem e não apenas isso, provocar erosão, o que é muito pior.

Se realmente toda planificação induz à ocupação ou é entendida assim como óbvio, dado que a ocupação vai em direção ao vale do rio Jundiá, então se confirma a posição de que o Distrito Industrial está numa posição geradora de desenvolvimento. A pergunta que eu faria em extensão a essa feita pela Suzana é a seguinte: com a preocupação de que o Distrito Industrial deve ter uma infra-estrutura complementada no ponto de vista de saneamento e atendimento ao estímulo de implantação, como é que no orçamento municipal deste ano, da ordem de Cr\$ 250 milhões, o Distrito Industrial tenha ficado com uma verba irrisória de Cr\$ 10.000,00?

Outra pergunta é quanto ao problema do serviço, àquela extensão da zona central para a posição indicada, entre a Via Norte e a Via Anhanguera. Sendo que a Via Norte é um adendo à Via Anhanguera e foi realizada com a intenção de absorver o fluxo de tráfego entre a Capital e o interior, então a Via Norte certamente será uma via bloqueada totalmente. E a Via Anhanguera também tende a ser

uma via bloqueada. A colocação de um polo gerador de atividade de serviços ali, portanto, de um desenvolvimento urbano naquela região, não seria extremamente dificultada pela falta de travessias por essas rodovias? (Arquiteto Antonio Fernandes Panizza)

Cândido — Eu não posso, não tenho informações, não tenho elementos para discutir qualquer problema de política de distribuição de verbas. Foge completamente à minha atribuição dentro da Prefeitura entrar no mérito da elaboração orçamentária. Não tenho nada que ver com isso, e portanto não tenho condições de responder. Nem sabia, não tenho a menor informação sobre o assunto, de modo que não tenho condições de responder nada que se refira a distribuição de verbas.

“O que vale realmente é a lei. O prefeito não pode fugir da lei. E o que tem que ser feito é uma lei com linguagem mais clara possível para se evitar que o Executivo fuja dela”.

Precisaria examinar os critérios da elaboração orçamentária e cotejar isso face a todas as prioridades da Prefeitura. Isoladamente, não saberia responder.

Oliva (em aparte) — Com relação a prioridades, por exemplo, iluminação vai receber Cr\$ 16 milhões, publicidade Cr\$ 3 milhões, Cr\$ 10 mil o distrito industrial, Cr\$ 10 mil neste ano.

Cândido — Eu não vou entrar nessa seara. Qual a segunda pergunta?

Panizza — Foi quanto ao problema da criação de um novo polo de serviços e que estaria situado entre a Via Anhanguera e a Via Norte.

O que entendo é que ambas são vias expressas e as travessias são realmente dificultadas; as existentes não são suficientes. Não seria prematuro ou impróprio dadas as barreiras que seriam representadas por essas vias?

Cândido — As vias, justamente por serem expressas, elas podem ser consideradas expressas de âmbito regional. Elas não são totalmente bloqueadas, elas tem acesso de tanto em tanto. No caso, a Via Norte vai ter um acesso em São Paulo, outro em Perus e outro aqui, um pouquinho antes de Jundiá, no Bairro do Castanho, onde uma se cruza com a outra.

Então, isso já faz com quem vem pela Via Norte para Jundiá já possa transferir-se para a Via Anhanguera naquele cruzamento. Então se transfere para a Via Anhanguera para poder entrar na estrutura urbana de Jundiá aqui na altura do G.O., por onde poderá entrar no centro mais antigo. Ou continuar pela Anhanguera e aí se transferir para a marginal e ter acesso a qualquer rua, já que as marginais, por definição são a parcela da via (hipótese regional), que está diretamente ligada ao sistema viário local.

“Os planos do Serphau são... um blá-blá-blá. Existem barreiras entre as equipes que se quer integradas... Qualquer plano chamado “integrado” é um monte de relatórios integrados pelo grampo”.

(...) Então, quando nós estamos conceituando essas vias como estruturais urbanas é porque nós estamos considerando parte delas — não apenas a via central, de alta velocidade — mas também as marginais.

“O que está definindo o futuro de Jundiá é o investimento estadual. Aqui, no caso, a Via Norte”.

“Nós participamos de um processo político e o que me cabe fazer é apenas uma proposição”.

O número de acessos que existirá, começando pelo caso da Anhanguera: tem aquela ligação Via Norte-Via Anhanguera; depois temos aqui a primeira ligação com o trevo do G.O.; as várias entradas, ao que nos consta, serão mantidas, como aquela da União, a da antiga entrada de Jundiá, perto da Morando; aqui perto do Guapeva está se pensando em criar uma nova estrada; na Avenida Jundiá já tem um trevo; no cruzamento com a estrada de Itu tem o trevo de Itu; um pouco adiante, no bairro do Santo Antonio, vai ter um viaduto, e, portanto, um outro trevo de ligação. Nós temos, portanto, sete ligações da Via Anhanguera com o retorno urbano de Jundiá. No caso da Via Norte existe um projeto uma ligação no trevo da Avenida Jundiá, o trevo de Itu, complementado pelo novo trevo da Via Norte-Estrada de Itu, e aquele trevo de ligação Via Anhanguera-Via Norte, lá atrás. Entre esses trevos que se faz, existirão algumas ligações ao se sair da via bloqueada interna para a via marginal. O número delas é uma questão de negociação com a Secretaria de Transportes, e agora o DERSA é que está delegado pela Secretaria de Transportes para construir a Via Norte. Nesse ponto, justamente aonde se propõe a criação do novo centro de serviços, já está garantida a acessibilidade com o trevo existente e a construção desse outro trevo programada já desde o início do projeto.

Roberto Franco Bueno — Se não há recursos hídricos, como vamos pensar numa urbe dessa natureza? Vamos trocar nossa cidade por um prato de lentilhas?

Cândido — A problemática não é só municipal. Na atual fase de desenvolvimento, é um estudo no nível macro-regional.

Mas pelos informes que recebi do DAE, a água de Jundiá é suficiente para 1 milhão de habitantes, a população que Jundiá terá junto com Várzea Paulista no ano 2.000.

Cândido — (...) Sou muito cético quanto ao planejamento integrado. (...) O que tenho visto em planejamento integrado até aqui é fajuto.

5. Constantemente me assusto com a posição “todo poderosa” do arquiteto ao conceber espaço para toda uma comunidade. Assusta-me, porém, muito mais, quando vejo de um lado informações conseguidas sem rigor científico e de outro lado nenhuma alusão aos anseios da comunidade, o que faz imaginar um plano feito intuitivamente. Não seria esta a hora de partirmos não para mais um plano diretor físico, mas para um planejamento integrado, onde os aspectos sociais, econômicos, administrativos, fossem analisados?



Paulista F.C.

50 anos de glórias

(9ª Parte)

Volvemos nossos pensamentos para 57 anos atrás, e rebusquemos nas páginas da história do Paulista F.C. um dos mais brilhantes episódios de sua vida. Quase os mesmos homens que estavam à testa do clube no ano anterior formavam a nova diretoria, como que predestinados a sentir a suprema satisfação de ver o Paulista chegar ao ponto culminante de um campeonato. Eram esses homens: Manoel Anibal Marcondes (presidente); Nestor de Oliveira Machado (vice-presidente); Guilherme de Souza Aranha (1º secretário); Tomaz Silveira (2º secretário); Joaquim Evaristo de Abreu (1º tesoureiro) e Dr. Benedito de Godoy Ferraz (2º tesoureiro).

Findo o torneio na sua fase regional, o Paulista despontava como campeão de sua zona; o E.C. Taubaté, campeão pela Zona Central do Brasil; o Comercial de Ribeirão Preto pela Zona da Mogiana e o XV de Novembro de Piracicaba pela Zona Sorocabana. As finais seriam disputadas pelo sistema de eliminatórias, no campo do Corinthians Paulista, na Ponte Grande, onde o Paulista demonstrava toda a sua pujança, a fibra e o valor do futebol jundiaense, conseguindo levar de vencidos todos os seus categorizados adversários.

Depois de passar por difícil obstáculo, superando o aguerrido Comercial F.C. de Ribeirão Preto, com o qual jogou duas vezes, eis que o primeiro jogo terminou empatado mesmo com duas prorrogações de 30 minutos, o Paulista defrontou-se, então com o XV de Novembro de Piracicaba. Neste jogo o resultado foi de 5 tentos a 1 em favor do quadro jundiaense.

No dia desse jogo contra o XV de Novembro de Piracicaba, uma quinta-feira, o futebol era assunto obrigatório em todos os cantos desta cidade. A população toda se mostrava entusiasmada e eufórica, esperando com ansiedade o momento do confronto. Era um dia normal de trabalho, mas, quando aqui chegou a notícia da espetacular vitória do tricolor por 5 a 1 sobre os piracicabanos, estouraram milhares de rojões em toda a cidade, numa saudação antecipada aos novos campeões do interior. E na hora em que aquele "onze" de gigantes, estrelado por Bruno, Paulino, Lilo, Bertolini, Rosa, Tatu, Batata, Miguelzinho, Camargo, Minguta e Lamaneres, desembarcou na estação da S.P.R. (hoje S.J.), lá estavam várias bandas de música e milhares de torcedores, todos com uma bandeirinha do clube, acenando com entusiasmo e intensa vibração para os que construíram tão honroso título para Jundiaí.

A frente da compacta massa popular - que tomava todo o pátio da estação e se estendia pela rua Barão do Rio Branco - estavam os incansáveis diretores do tricolor: Marcondes, Dr. Ferraz, Francisco de Castro, Cassalho, Nestor Machado, Tomaz Silveira, Tibúrcio Siqueira, Guilherme Aranha, Miguel Basile, Amadeu Guerrazi, Acácio Simões, bem como Nestor Pedroso e Carlos Legros, os dois representantes do Paulista junto à A.P.E.A.

Duas filhas de senhoras e senhoritas receberam com a pompa de flores e nossois campeões. E então se formou um extenso cortejo até a sede do clube, no centro da cidade, onde tudo era festa, alegria, fogos e música, continuando assim até o amanhecer.

O semanário "São Paulo Esportivo", que era editado na Capital traria em sua edição de 20 de abril um artigo realçando o feito do tricolor jundiaense e dando, com destaque, uma biografia de cada um dos jogadores campeões do interior. Pela leitura do referido artigo, que a seguir transcrevemos, poderá o leitor observar o incontestável valor do quadro jundiaense, que então contava com elementos trazidos dos melhores clubes de futebol, tanto de São Paulo como do interior:

"Disputando o título de Campeão do Interior, encontraram-se quinta-feira última, no campo do Corinthians, os primeiros quadros do Paulista de Jundiaí e XV de Novembro, de Piracicaba. Eram os quadros ponteiros do Campeonato e o que vencesse seria o Campeão.

"A luta foi renhíidissima, e a vitória sorriu ao quadro jundiaense. Foi uma vitória justa e leal. O Paulista é, sem favor, um quadro homogêneo e o quadro piracicabano apresentou falhas sensíveis.

"O goleiro esteve em um dos seus dias infelizes. A linha atacante finalizava mal, e o trio médio brilhou,

destacando-se pela sua magnífica atuação o simpático jogador Nardim.

"Finalizando, vamos dizer alguma coisa sobre os onze rapazes que constituem o conjunto campeão:

"BRUNO — Goleiro, joga o futebol há cerca de 6 anos, tendo se iniciado no Paulista. Demonstrando logo raras habilidades no espinhoso posto, criou fama e, quando fundado em São Paulo o E.C. Minas Gerais, recebeu amável convite para formar como guarda-valas do simpático clube. Nesse lugar tomou parte de prêmios memoráveis, valendo a sua magnífica atuação pelo quadro todo, pois, naquela ocasião, o quadro do "Minas" não era o conjunto respeitável que hoje comunga com os valorosos times da 1ª Divisão. Em 1917, deixou a Capital e veio novamente defender as cores do Paulista, ocupando a posição de guarda-valas do 2º quadro. Em 1919, já na equipe principal, disputou o Campeonato do Interior, concorrendo com o seu esforço máximo para que o simpático clube tricolor conseguisse a supremacia da Zona Paulista.

LILLO - Zagueiro. É um dos mais perfeitos jogadores de Jundiaí. Desde criança apaixonou-se pelo futebol e, ainda bem jovem, formava como zagueiro do "Rocinhense", deste município, onde iniciou. Rapidamente progrediu, a ponto de ser convidado pelo "Black", de Campinas, para fazer parte do seu quadro. Ai figurou durante muito tempo, até que, atendendo a pedidos de amigos, veio defender este clube.

PAULINO — Zagueiro. Entradas firmes, extraordinário jogo de cabeça, colocação magnífica, são os principais predicados esportivos que ornaram o valoroso jogador do clube da Vila Leme. Disciplinado, como bem poucos, frequenta assiduamente os treinos, o que lhe valeu o grande fôlego que possui. Ao lado de Lilo, forma a linha invulnerável de zagueiros de Jundiaí. Com galhardia, defendeu por muito tempo o Guarani, de Campinas, jogando pelo Paulista aproximadamente há oito meses.

BERTOLINI — Médio direito. Qual a pessoa que se interessa pelo esporte paulista, que ainda não conhece Bertolini? Cremos que nenhuma. De fato, Bertolini é um nome conhecido no nosso mundo esportivo. Ele mantém o mesmo jogo seguro, calmo e delicado dos outros tempos, fazendo, mesmo, constantes progressos. Pratica o futebol há 15 anos, tendo sido um dos sócios fundadores do Paulista. O Palestra Itália, de São Paulo, um dos mais bem organizados clubes do Brasil, conseguiu incluí-lo no seu conjunto principal e ai Bertolini tem impressionado os aficcionados paulistas, com o seu jogo soberbo, com seu fôlego incomparável.

ROSA — Centro médio. É ainda novo nessa difícil posição. Como centro médio, só disputou tres jogos, tendo, aliás, demonstrado proficiência. Joga para o Paulista há dois anos, tendo sempre ocupado a posição de médio direito. Rosa, se continuar nos progressos que vem fazendo, será em pouco tempo um jogador consumado.

ATILIO — Médio esquerdo. Jogador de extraordinário amor pelo clube. Atilio, mais conhecido por Tatu, é o terror da ala direita dos clubes adversários. É certo que não tem uma distribuição à altura do Paulista, mas é certo também que, para marcar, Atilio é insuperável. Pratica o futebol há 10 anos, tendo sempre jogado pelo Paulista.

BUENO — Ponta direita. Forte, driblador magnífico, veloz como ninguém, é um dos melhores extremas direitos de Jundiaí; é um rival de Formiga, o colosso do Ipiranga. Como Bertolini, é também um legítimo orgulho nosso. Sempre jogou para o Paulista.

MIGUEL — Meia-direita. Jundiaense de nascimento, Miguel desde criança mudou-se para Campinas, onde, depois de moço, começou a dedicar-se pelo futebol, jogando para o Vila Industrial F.C. Em 1919, notando que em sua terra natal o futebol estava tomando grande desenvolvimento, quis empregar o seu auxílio valioso para Jundiaí, também no esporte, indo ocupar o lugar de honra que era merecedor. E, voltando, foi ocupar a posição em que ainda hoje se mantém.

CAMARGO — Centro-atacante. É o "primus inter pares". No campeonato deste ano, já recebeu da imprensa paulistana os mais lisonjeiros encômios. Tendo transferido em dezembro de 1919 a sua residência de Campinas para Jundiaí, e simpatizando-se com o clube da Rua do Rosário, requereu a sua inscrição para o Paulista e nele vem se salientando como o



Batata, um dos campeões de 1920

comandante da linha de ataque. Em Campinas, jogava para a Ponte Preta.

MUNGUTA — Meia-esquerda. Pirassununguense de nascimento, mas considera Jundiaí como uma segunda terra natal. Fixou residência aqui em 1919 e dia para dia vem aumentando a sua força de ótimo ponteiro. Já fez parte do "Pirassununguense", do "Comercial" e da "Santista". Hoje, como já dissemos, defende com dedicação às vezes não igualada por jundiaense de nascimento, os brios de Jundiaí esportiva.

LAMANERES — Extrema-esquerda. Há pouco mais de cinco meses figura na 1ª equipe do Paulista. Iniciou a sua vida esportiva no Campeonato Interno que o clube da Vila Leme organizou em 1916. Demonstrando logo excelentes qualidades para atacante, foi aproveitado no 2º quadro. Em novembro, o nosso campeão, perdendo sua veloz extrema-esquerda, Ernesto, que mudara-se para Barretos, incluiu Lamaneres no 1º quadro, e ai ele vem progredindo assustadoramente, a ponto de ser insuperável na sua posição".

Era, pois, a melhor força futebolística do interior, o quadro com o qual o Paulista F.C. levantou o título de 1919. Como notamos pela descrição acima, contava o tricolor com jogadores que, formando um verdadeiro selecionado, pertenceram ao "Minas Gerais" e "Palestra Itália", de São Paulo; "Guarani", "Ponte Preta" e "Vila Industrial", de Campinas; "Rocinhense", de Vinhedo, e "Pirassununguense", de Pirassununga.

No próximo número narraremos a campanha do Paulista para chegar ao título de Campeão do Estado.

José Faggiano Júnior

LIVROS

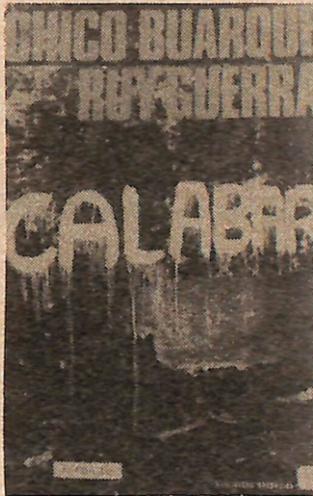
Calabar (O elogio da traição)

Calabar (O Elogio da Traição), uma publicação da Civilização Brasileira, volume nº 24 da Coleção Teatro Hoje, é a peça uma teatral escrita e musicada com genialidade de dois dos nossos maiores intelectuais brasileiros: Chico Buarque de Holanda e Ruy Guerra.

Contudo, devido a problema com a Censura, o brasileiro ficou impossibilitado de conhecer essa obra teatral que trata de um episódio histórico brasileiro, no qual CBH. e R.G., tentam, de forma poética musical, reabilitar, perante nossa História, o vulto singular e enigmático de Calabar, um dos primeiros pernambucanos a se alistar na guerra contra os holandeses, e, por ironia, teve sua sentença de morte decretada por ordem de Mathias de Albuquerque, por cuja ordem, Calabar havia lutado bravamente.

Os motivos da deserção de Calabar, aos 20 de abril de 1.632, até hoje são desconhecidas, não se sabendo, ao certo, se essa atitude foi motivada por dinheiro ou pela constatação do espírito progressista dos holandeses, em contraste com o atraso dos colonizadores portugueses, os quais, repetidas vezes, tentaram convencer Calabar a lutar ao lado deles, acenando com o perdão pelo seu crime de deserção, e com grandes somas em dinheiro e outros privilégios, tantas eram as vitórias conseguidas pelos holandeses, graças a habilidade e estratégia admirável de que era possuidor Domingos Fernando Calabar, vulto que nossa história menciona como simplesmente Calabar.

Sua morte, até hoje, é motivo de pesquisas e discordâncias entre os estudiosos, que, não sabem ao certo se foi ocasionada pelo garrote ou pela forca. Morto por garrote ou pelo patíbulo, Calabar pagou com a vida a sua atitude de deserção, sendo seu corpo esquartejado e exposto em varas durante três dias após a capitulação holandesa, ocorrida em Porto Calvo, aos 22/7/1.635



Foi esse episódio histórico brasileiro que inspirou Chico Buarque de Holanda e Ruy Guerra a escreverem e musicarem uma peça teatral, no gênero comédia musical.

Como você não poderá assistir, no teatro, a versão pessoal desse episódio em que Chico Buarque de Holanda e Ruy Guerra fazem uma tentativa de reabilitar a figura de Calabar perante a nossa História, porque essa peça foi impedida pela Censura de ser encenada, não esqueça (você não pode esquecer) de que, o texto dessa obra está a venda (e é um dos mais vendidos), e você pode adquiri-lo. Pode e deve.

Quando se trata de alguma coisa feita por Chico Buarque de Holanda, não há desculpa que justifique você desconhecê-la. E, quando, por cima, existe um Ruy Guerra para "melhorar o prato", a única desculpa para você não ler é você já ter morrido.

Mesmo assim, a "desculpa" não é lá essas coisas, pois com um livro desses a gente sempre arranja um jeitinho de ressuscitar.

O Diário de Anne Frank

"Anne Frank" (O Diário de Uma Jovem) foi, inicialmente, editado em forma de teatro, e devido ao seu enorme sucesso e grande repercussão, foi adaptado para o cinema americano, tendo a fita, na ocasião, obtido um sucesso ainda maior.

Anne Frank, bem como os demais personagens de seu famoso diário, não são figuras de ficção, mas sim, um grupo de judeus, composto da autora do "Diário", de sua irmã, seus pais, e, mais duas famílias de amigos e patrícios seus, (num total de 8 pessoas) que, na qualidade de judeus, por volta de 1.930 (época em que Hitler subiu ao poder), saíram da Alemanha para refugiar-se na Holanda, fugindo à implacável perseguição imposta aos judeus pela mente doentia de Hitler. Quando as tropas alemãs ocuparam a Holanda, Anne Frank e sua família foram refugiar-se em Amsterdan, onde ficaram escondidos no telhado (uma espécie de sótão), de um velho prédio onde funcionava, na parte térrea, um armazém, cujo proprietário era anti-racista. Devido à amizade e a simpatia que o dono da loja onde permaneceram escondidos os Frank, mantinha com os judeus residentes (mas escondidos) em Amsterdan, algum tempo depois, o casal Van Dann e seu filho Peter (judeus), bem como, um velho destista (semita também), juntaram-se aos Frank, vivendo todos naquele pequeno sótão, durante dois anos. Esse grupo de judeus perseguidos, sobrevivia graças aos amigos e patrícios que, numa verdadeira conspiração do silêncio, jamais comentaram o fato, lamentando-se a fornecer-lhes comida, água, e, muito raramente (quando podiam), cigarros.

A época em que os Frank e seus amigos e patrícios conseguiram ficar (com sacrifícios heróicos) escondidos em local tão insuspeito (por dois anos), Anne Frank tinha, aproximadamente, treze anos.

No dia 4 de agosto de 1.944, devido à uma denúncia, a "Grüne Polizei", da Gestapo, fez uma batida na casa onde se refugiam os Frank, e seus amigos. Descobertos, foram envi-



dos ao campo de concentração da Alemanha e da Holanda. De todos eles, somente o pai de Anne Frank sobreviveu aos horrores e às matanças em massa de judeus, ordenadas pela personalidade psicopática de Hitler.

O diário que Anne Frank escreveu durante a sua permanência com seus pais e amigos, foi encontrado no local em que viveram entre jornais e revistas velhas.

Em março de 1.945, apenas dois meses antes da libertação da Holanda, Anne Frank morreu no Campo de Concentração de Bergen-Belsen, sem jamais ter visto (depois de presa), sua mãe, seu pai e sua irmã.

"O Diário de Anne Frank", encontrado após a sua morte, é considerado uma verdadeira obra prima literária em seu gênero, a manifestação de uma inteligência aguda de uma criança superdotada, extremamente inteligente, dotada de espírito arguto e grande talento para observações profundas, qualidades que proporcionam deixar-nos com seu Diário, um valioso documento para estudo judicioso do comportamento humano e seus paradoxos. E ao mesmo tempo, e, acima de tudo, o maior libelo que a humanidade possui contra o racismo. É indispensável que você o leia.

"Malaguetas, Perú e bacanaço" (contos)

João Antônio, contista que os intelectuais comparam com Alcântara Machado, graças ao seu estilo e linguagem, em 1.962 foi agraciado com o cobiçado prêmio "Fábio Prado de Contos", o que, por si só, já recomendaria aos apreciadores desse difícil gênero literário, a leitura de "Malaguetas, Perú e Bacanaço", uma coletânea primorosa de estórias sobre o tema, pouco explorado, da malandragem paulista e os problemas sociológicos determinantes da mesma.

Contista essencialmente urbano, graças à sua convivência e capacidade descritiva invulgar, em "Malaguetas, Perú e Bacanaço", João Antônio, demonstrando uma indistarcável estima e compreensão pelos problemas do povo, aborda em seus contos, de maneira extremamente simpática e desprezenciosa, a vida, os problemas, os amores, o desemprego, a prostituição, a malandragem, o despreparo, etc., das criaturas "sem cire nem beira", que, para sobreviver numa grande capital como São Paulo, apelam para os recursos mais insólitos, anedóticos e pitorescos.

Grças ao seu enorme respeito e compreensão pelos problemas enfrentados pela burguesia (fronteira com a pobreza), os personagens dos contos de João Antônio são

pessoas sofridas, desvalidas, humilhadas, perseguidas, tristes, líricas, e, frequentemente, cruéis por força das circunstâncias.

Embora narrador eclético, de aguçada percepção, o forte de João Antônio é a crônica da malandragem paulista, tema que o coloca, facilmente, como um contista antológico da ficção.

Relatando o cotidiano da malandragem paulista, com o uso das expressões (gírias) dos seus heróis, qualquer conto do livro "Malaguetas, Perú e Bacanaço", lhe daria, bem analisado, o direito de ser considerado, sem favor algum, um "poeta da malandragem", bem como, ter qualquer de suas estórias filmadas por Fellini.

A leitura dos fascinantes contos de João Antônio, em "Malaguetas, Perú e Bacanaço", volume 47 da "Coleção Vera Cruz" (coleção Literatura Brasileira), tem o poder de prender a atenção do leitor do começo ao fim, e, ao mesmo tempo, lhe proporciona ficar entrosado nos dramas, problemas, alegrias e tristezas de uma camada da população paulistana, da qual, via de regra, o povo desconhece.

Adquirá-o na "Livreria Anhanguera", e você concluirá depois, que foram um dos Cr\$ 25,00 mais bem empregados de sua vida.

Uma definição definitiva

Mesmo que você conheça Portugal de ponta a ponta, mesmo que você conheça Lisboa como a palma de sua mão, mesmo que você conheça todas as casas de fados, e, mesmo que você conheça, ainda, todas as letras de fados. E, por via das dúvidas, ainda que você conheça de cor toda a poesia portuguesa (de Camões às obras completas de Fernando Pessoa), pode acontecer (e porque não?), que você desconheça - e até nunca tenha ouvido falar, das trocas portuguesas. Esta, por exemplo, de autor desconhecido, e, além do mais, jamais publicada, é uma graça completa, tanto na sua forma como no seu conteúdo, pois em apenas quatro versos (uma simples quadrinha), essa trova consegue definir, com incrível poder de síntese e uma enorme força poética, o que é o amor, sentimento que, de tão complexo, de tão ambivalente, tão indiscretivo, para tentar defini-lo (sem nunca conseguir) seria necessário escrever, por baixo, umas dez enciclopédias. É, contudo, uma trovinha portuguesa, de autor desconhecido, consegue a grande proeza de definir o amor. E define tão bem, que diz, desfazendo todas as dúvidas, que o amor é isso aí:

"Às vezes tenho desejos de coisas disparatadas: encher-te a boca de beijos e a cara de bofetadas".

Falou e disse. Duvidar de um poeta "quem há de"? Só louco.

Quadra mais que marota

Esta é de Edgar de Almeida e vale a pena você conhecer, não só pela sua estrutura perfeita, (rima, ritmo, poesia) mas, antes de tudo, pela originalidade de seu tema:

"Estivesses tu ao lado,
de Adão naquela manhã...
E ele teria pecado,
sem serpente e sem maçã.

Repare só como é grande a força da poesia: em apenas quatro versos, Edgar Almeida reabilita, perante a História e a Religião, a tão "injurada" serpente...

E você que lê, como é que é? Você também faz trovas?

Caso você seja um trovador, mande suas quadrinhas para apreciarmos, e, caso sejam boas, nós a publicaremos, pois divulgar poesia é uma das coisas que mais gostamos de fazer.

Outra (?)

"Tu foste à missa, ora veja...
Por força dos olhos teus,
todo mundo foi à igreja,
acabaram-se os ateus".

ATENÇÃO: Não sei quem é o autor desta troa tão cheia de graça, de fé e de esperança. Eu, que das três virtudes cristãs:

Fé, Esperança e Caridade, já perdi a Fé e a Caridade, ainda tenho, contudo, a Esperança, prá saber quem é, o autor dessa trova. No caso (tudo é possível, né?) de você que me lê conheçê-lo, queira pedir a ele que venha se apresentar aqui na redação, falar comigo. E, caso (tudo é possível né?), quem estiver lendo for o próprio autor, por favor apareça, pois conhecê-lo me dará um prazer enorme, além de, muito provavelmente, devolver-me a Fé e a Caridade perdidas, virtudes que me impedem de ir à missa.

Célia de Freitas.

GRAND PRIX
MECANICA
OPALA E CHEVETTE
R. BANDEIRANTES 157 - FONE: 6-8456

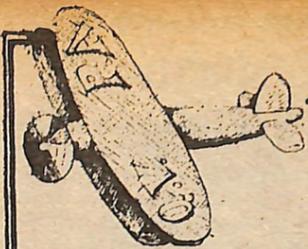
IBE ADI
aberto até às 4:00 hs.
PIZZA
KIBES
LANCHES
DOCES SIRIOS
Pratos Arabes
rosário 239 - 4-2669

Capto
Consultoria Recrutamento e Seleção Profissional

Não cobramos nenhuma taxa dos candidatos
Mantemos sigilo absoluto
Vagas para os seguintes Departamentos:
SECRETARIAL ADMINISTRATIVO
VENDAS E MARKETING
TÉCNICO INDUSTRIAL
Horário: das 8:00 às 18:00 h
Sábados: das 8:00 às 12:00 h
Não fechamos para almoço
Rua Engenheiro Monlevade, 682 - Fone: 6-5987
JUNDIAÍ — ESTADO DE SÃO PAULO

**Novo restaurante
na Rosário**

Inaugurou-se quinta-feira, na rua do Rosário, 670, o Restaurante Dom Guido, de propriedade do casal Neusa-Guido Moscoso, com a benção do Padre Afonso e um coquetel em família. A noite a casa já começou a funcionar com ótima frequência, prometendo assim continuar, pois suas condições de instalações são privilegiadíssima, além de haver recebido finíssima decoração e vir trabalhando com cozinha excelente e pessoal altamente selecionado. A foto é do momento da inauguração e mostra a família dos proprietários e o garção Nonô.



O QUE VAI PELOS ARES

DISCOS

(Juntos e ao vivo)

Esse LP. da Phillips é a gravação, feita ao vivo, no Teatro, Castro Alves, em Salvador, na Bahia, do célebre "show" da ainda mais célebre dupla de compositores brasileiros que é Chico Buarque & Caetano Veloso.

O encontro musical desses dois gênios é considerado pela crítica especializada, como um dos momentos mais importantes e históricos de nossa música popular brasileira.

Chico Buarque cantando composições de Caetano Veloso, e, Caetano Veloso interpretando as músicas de Chico Buarque, foi um verdadeiro "achado" artístico.

Esse show musical que marcou época graças à feliz idéia de reunir dois grandes talentos, contou com a participação do MPB.4. Na gravação que a Phillips fez, ao vivo, do "show"

"Caetano & Chico", consta músicas como "Construção", "Com açúcar, com afeto", "Pedro Pedreiro", etc., de autoria de Chico Buarque, bem como, "Esse cara", "Como dois e dois", "Alegria, alegria", etc., de Caetano Veloso, além de constar de algumas faixas, trechos declamados da poesia desses dois dos maiores poetas e músicos do cenário artístico brasileiro.

Você que não foi a Bahia, não andou de ônibus, de navio, de avião, de automovel nem nada para curtir esse "show" em Salvador, na Bahia, pode comprar a gravação (feita ao vivo) que Philips fez Teatro Castro Alves.

É isso aí, bicho. Se você não vai ao teatro, o teatro vai à sua casa.

Não é uma boa?

Nelson Cavaquinho (depoimento de um poeta)



O L.P. nº 3 da série "Ídolos da MPB", lançamento da "Continental Cultural", oferece ao público, sob o título de "Depoimento de Um Poeta", uma seleta de doze composições — por sinal as mais famosas — do festejado compositor saído de Mangueira, o grande Nelson Cavaquinho, e, como se isso fôsse pouco, o próprio compositor, um poeta de mão cheia é Nelson Cavaquinho, interpreta as suas melodias. A idéia, das mais felizes, de fazer esse disco, foi de Paulo Cesar Costa, que, além de selecionar o que há de melhor nas composições de N.C., bolou ainda, um gostosíssimo e informal diálogo (bate-papo), com o autor das músicas e a Eneida de Moraes.

O LP, intitulado com muita propriedade de "Depoimento de um Poeta", como é fácil de se deduzir pelo título, traz em suas dozes faixas, composições cujas letras se constituem numa verdadeira biografia de Nelson Cavaquinho, hoje com 65 anos, portanto, com uma vida repleta de alegrias, tristezas, desenganos e todas as emoções que o ser humano (principalmente os mais sensíveis) vive durante uma vida toda. Nelson Cavaquinho, apesar de sua condição de poeta primitivo (ou, talvez, por isso mesmo), com versos simples que lhe saem de maneira espantosamente fácil de seu coração de poeta, faz de suas composições, uma verdadeira crônica de seus sucessos, insucessos, alegrias e tristeza, paz e inquietudes amorosas. E, sendo que, positivamente, todas as composições de sua autoria, que o próprio Nelson Cavaquinho interpreta no LP, "Depoimento de Um Poeta", sejam impregnadas de grande força poética e enorme talento musical, há que se destacar, nessa antologia do maior bom gosto, o seu mais famoso samba, "A Flôr e o Espinho", onde consta o seu célebre verso: "Tire o seu sorriso do Caminho/ que eu quero passar com a minha dor/", considerado pelos intelectuais, como um "dos dez mais da poesia popular brasileira. Destacamos ainda, porque é justíssimo, as letras do seu "Degráu da Vida", onde, lamentando a impossibilidade de retroceder no tempo e voltar à sua tumultuada e bem vivida juventude, N.C. desabafa poeticamente, no seu "Degráu da Vida" "Sei que estou/no último degráu/da vida/ meu amor/ Já estou envelhecido/acabado/ Por isso/ muito eu tenho chorado.

Para finalizar este comentário sobre um dos mais famosos compositores brasileiros, diremos que esse long-play é uma das mais bem boladas "bolachonas" que já se editou em matéria de divulgação dos grandes talentos poéticos e musicais brasileiros.

CINEMA

Perfume de mulher

Esse filme em exibição nas telas dos cines "Copan" e "Gazetinha, na capital paulista, é a versão cinematográfica do vigoroso, trágico e profundamente sarcástico romance de Giovanni Arpino, "Profummo Di Donna".

Dino Risi, o diretor de "Perfume de Mulher" acertou em tudo, a partir da escolha de Vittorio Gassman (que recebeu o prêmio de representação em Cannes, pela sua impecável "performance" nesse filme).

"Perfume de Mulher" trata, com maestria, da dramática e comovente história de Fausto (Vittorio Gassman), um oficial cego, esmagado pelo medo mórbido das trevas.

Como um verdadeiro escafandrista de almas, Dino Risi expõe, de maneira inteligente e brilhante, a psicologia dos deficientes que usam de agressão oral como compensação de seu equilíbrio interior. E, Vittorio Gassman, o melhor ator italiano da atualidade, esbanjando seu talento, soube compor como ninguém, o tipo de Fausto, um homem solitário, infeliz e solitário, cuja vida é ceifada na plenitude de sua vitalidade.

Empenhado em manter a sua fama de conquistador irresistível, desenvolveu a arte de sentir a presença das mulheres que desejava ou conquistava, através do perfume característico de cada uma delas. Sempre usando a agressão verbal como uma couraça psicológica para defender-se de seus medos, o diretor Dino Risi conduz seu personagem ao encontro de si mesmo, o que Fausto (o cego) só consegue diante da morte, quando tenta o suicídio, despojando-se de seus artifícios

para aparentar uma pseudoinvulnerabilidade. Descobre que ele é "apenas mais um", isto é, igual a todo mundo, um homem comum que, como todos os outros, está sujeito a medos, pânico, terrores inconfessados. Diante dessa descoberta, Fausto transforma-se de um fugitivo do amor, carinho, compreensão, admitindo a sua carência e necessidade de afeto.

"Perfume de Mulher", pela originalidade de seu tema, pelo seu envolvimento psicológico que Dino Risi consegue "explicar" de maneira simples e inteligente, e, acima de tudo, pelo desempenho de Vittorio Gassman no papel de Fausto, um filme que, certamente, ficará como um clássico no seu gênero.

Um filme verdadeiramente antológico que não pode ser deixado de assistir.

O Anticristo

Nos cines Marabá, Liberty, Paulistano e Del Rey, está sendo exibido o Anticristo, filme dirigido por Admondo Amatil e estrelado por Mell Ferrer, Carla Gravina, Arthur Kennedy e Alida Valli.

Aproveitando o impacto causado pelo "O exorcista", o ANTICRISTO é, visível e indistintamente, uma película feita sob encomenda comercial, para, aproveitando a moda da "posseção demoníaca", faturar barbaridades com a história "originalíssima" de uma jovem aristocrata que, subitamente passa a ser comportar de maneira estranha. Sua aristocrática e rica família procura um psicanalista

que através da hipnose, "descobre" que a jovem está "possuída pelo demônio. É quando um monge é convocado para "expulsar" o diabo do corpo da moça. Filme feito na "cola" do "O Exorcista", tem, contudo, um aspecto comercial bastante original: enquanto o cinema, a música, o teatro, a poesia, a partir da década de 60, e até a presente data, está vivendo praticamente de "faturar" Cristo, o acusado de dirigir o "video tape" de "O Exorcista", descobriu (graças à sua fertilíssima imaginação comercial), que "faturar" o ANTI-CRISTO iria ser "uma boa".

Contudo, deu zebra.

Alice não mora mais aqui

O cine Belas Artes (na sala Portinari), está exibindo "Alice não mora mais aqui" (Alice Doesn't Live Here Anymore), cujo papel principal, valeu à Ellen Burstyn, o "Oscar" de melhor atriz. Embora narrando uma história que nada tem de original, cujo tema é a alegria de viver superando qualquer derrota, o filme consegue prender a atenção do espectador do princípio ao fim, graças ao desempenho magistral de Ellen Burstyn no papel de uma dona de casa que, ficando viúva aos 35 anos, toma a firme decisão de ser cantora para sobreviver, embora, para tanto, tenha que se submeter, com seu filhinho, a morar nos piores hotéis e a trabalhar até como garçomete.

Pelo colorido, e, pelo desempenho de Ellen Burstyn, não deixa de ser um bom filme.

O fantasma de liberdade

O cine "Bijou", em São Paulo, especializado em exibir reprises de cinema de arte, tem sido sua sala lotada, diariamente, graças aos apreciadores do bom cinema, que desejam rever "O fantasma da Liberdade", filme de Luiz Buñuel, o genial diretor que, nessa sua famosa obra, faz, numa espécie de colagem, a crônica sobre o comportamento de quarenta pessoas que, diante das situações mais absurdas, desconcertantes, inusitadas, mantém o seu comportamento habitual, reagindo (ou melhor, não reagindo, mas sim, agindo), de maneira absolutamente natural. Como tema, Buñuel elabora os temas mais importantes e caros para a burguesia, ou seja, a religião, a ordem e a liberdade.

Com Mônica Vitti um dos papéis principais, Buñuel consegue, com esse seu "O Fantasma da Liberdade, de maneira artística, tragi-cômica e, com certa dose de sátira, retirar a posição da burguesia face aos intelectuais. Um programa inteligente que serve como entretenimento e veículo de cultura. Duas razões irrecusáveis para você assistir ou reassistir o "Fantasma da Liberdade".

CÉLIA DE FREITAS

JORNAL DE 2.a FEIRA

telefone: 4-2759.

DOCEIRA JUNDIAÍ Ltda

DISTRIBUIDORA DE:
doce

balas

chocolates

DE TODAS AS MARCAS

DISTRIBUIDORA EXCLUSIVA NA REGIÃO
DO PANETONE 900
RUA DR. TORRES NEVES, 292... 6.7400
O TELEFONE DOCE DA CIDADE

SUPERMERCADO ELIAS



ONDE OS PREÇOS SÃO SEMPRE OFERTAS

R. BOM JESUS DE PIRAPORA 2757-63 FONE: 4-1775
ESTACIONAMENTO PROPRIO

RELOGIOS DE PONTO

ROD-BEL

revendedor autorizado em Jundiaí:

COMERCIAL

PANIZZA LTDA.

BARÃO-427 FONE: 6-8231



COZINHA JUNDIAIENSE LTDA

refeições industriais

R. JOSE BONIFACIO DE ANDRADE E SILVA - 408

FONES: 6 6392 & 6 2461

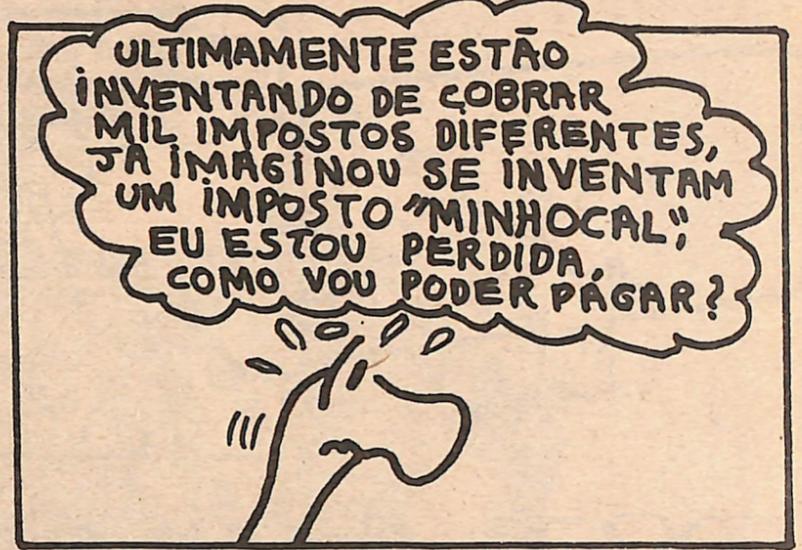
minhoca

SUB

ERNESTO ZAMBON



2-JS (75)



HORÓSCOPO

Aries (21/3 a 20/4)

Corte-se nas juntas, deite em vinha d'alho durante uma noite, cozinhe-se em fogo brando. É melhor ser um bom guisado do que viver Béée por lá.

Touro (21/4 a 20/5)

Suas tendências esquerdistas serão punidas severamente. Como? Não são esquerdistas? E o pano vermelho? E o sangue do toureiro? Hem?

Gêmeos (21/5 a 20/6)

Vocês estarão em grande voga no ano que vem. Vocês e o orçamento. Tudo em dobro.

Câncer (21/6 a 21/7)

Apesar da grande cobertura dada pelo "Fantástico", você perde longe para a desnutrição. Reaja. Dê mais entrevistas. Desenvolva-se.

Leão (22/7 a 22/8)

Urro, burro, não assuta mais ninguém, fale!

Virgem (23/8 a 22/9)

Tente a contratação de terceiros. Eles saem caro, mas resolvem.

Balança (23/9 a 22/10)

Se você é a de Paga-

mentos, há forte corrente difamatória contra você, no Exterior. Evite publicidade, censure, seja forte.

Escorpião (23/10 a 21/11)

Não faça do seu rabo uma arma. A vítima pode ser você.

Sagitário (22/11 a 21/12)

Se você nasceu no primeiro decanato, azar seu: este mês você tem que se licenciar. Final 11, bicho.

Capricórnio (22/12 a 20/1)

Você receberá, no seu aniversário, um presente: o asfalto. Faça uma limonada.

Aquário (21/1 a 19/2)

Eu serei, tu serás, ele será, nós seremos, vós sereis, eles serão. Futuro é isso, bicho.

Peixes (20/2 a 20/3)

Há anos lidando com o Zodíaco e só agora vejo que "Peixes" são dois! Devo ter falado com o errado, esses anos todos. Perdão, Netuno!

Profa. Zuleika.

Puffs!

Cólera é uma correira italiana usada para se prenderem cães raivosos.
 Colombo, em pé, parecia um ovo.
 Farmacopéa é um inseto cujos múltiplos pés servem para se fazer remédio.
 Garatujos são índios mexicanos que vivem rabis-cando paredes.
 Cócora é uma galinha muito velha, que já não consegue ficar em pé.
 Fausto adorava ser bem servido nos jantares.
 Sammy Davis Jr. é uma expressão inglesa que significa "Até qualquer dia, filho".
 Lisâneas é o nome latino do nosso popular quiabo.
 Caudilho é um prato apimentado, típico da cozinha espanhola.
 Turibulo foi o Papa que introduziu o incenso na liturgia.
 Tulherias eram ornamentos usados pelas damas da corte de Luís XIII.

Cerebelo são aquelas cabeças humanas reduzidas ao tamanho de laranjas.
 Decibéis são crianças anormais que falam muito alto.
 Córcova é uma região montanhosa da Argentina.
 Trepanossoma é um vírus que entra pelo pé e vai subindo.
 Placenta é um tipo de angu com que se alimentam as crianças indígenas.
 Flatulência é uma doença que deixa as pessoas com o corpo mole.
 Quilombo é uma protuberância nas costas dos escravos, causada por chicotadas, ou chibatadas.
 Helena de Tróia era forte como um cavalo.
 Siamês é um tapete persa feito com pele de gato.
 Complexo de Édipo foi a primeira grande indústria da Grécia.

Zarteu.

BORIS

© ZÉCO-BENARDI



Panel 1: PUXA! COMO É TRISTE A REALIDADE!

Panel 2: O HOMEM JÁ FOI À LUA TANTAS VEZES...

Panel 3: ...E EU AQUI NA TERRA SEM SEQUER UM OSSO PRA DISTRAIR OS DENTES...

Panel 4: PRECISO VER O MEU HORÓSCOPO DE AMANHÃ.

Panel 5: É SEMPRE BOM SABER POR ANTECIPAÇÃO O QUE NÃO NOS VAI ACONTECER...

Panel 6: (Empty panel)

CIL



© ZÉCO-BENARDI

Panel 1: NENÊ, DESÇA DAI!... NÃO!

Panel 2: NENÊ, DESÇA DAI!...

Panel 3: GATAU!

Panel 4: "A MAIORIA SEMPRE TEM RAZÃO!"

Panel 5: UMA ESTRELA CADENTE! FAÇA UM PEDIDO!...

Panel 6: (Empty panel)

Escritório de Advocacia

dr. ademercio lourenção
 dr. alcimar a. de almeida
 dr. francisco v. rossi
 RUA SIQUEIRA DE MORAIS, 578, 1º ANDAR
 EDIFÍCIO MARIJU

causas cíveis e criminais
DRs.
 • LAERTE DE FRANÇA SILVEIRA RIBEIRO
 • MARIO PEREIRA LOPES
 barão, 1041, 29ª a.
 fone: 4-3566

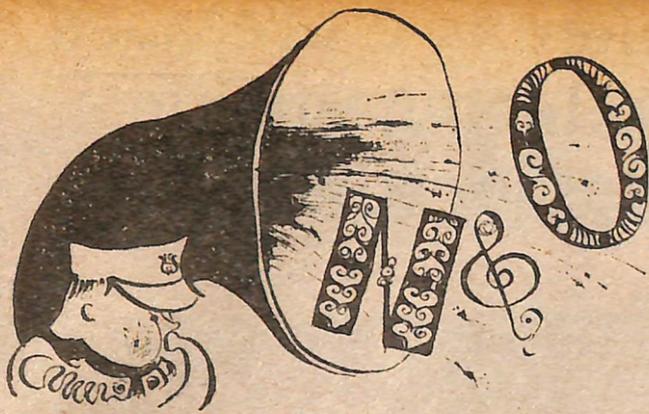
advocacia trabalhista e comercial
 DR. ANDRÉ BENASSI
 DR. RANDAL G. GARCIA
 barão, 873
 fone: 6-2936

XEROX também é com o **FOTO ZEZINHO**
 ROSÁRIO, 523 - FONE 6-3795

MUDANÇA?
IRMAOS VIEIRA
 TRANSPORTAM MELHOR
 1000 100
 FONES: 4-0229 - 6-5086

NOVIDADES
Charme
 CALÇADOS
 ROSÁRIO, 626

CONCERTOS DE TV, RÁDIOS E TAPES
ELETRÔNICA ANZOLIN
 rua marechal, 533
 telefone: 6-7683



Estamos na praça

O colunista Guilherme Enfeldt, do JJ, abordou recentemente o problema da exclusão, na lista telefônica deste ano, da relação por endereços. Esta relação, sistematicamente apresentada nas listas anteriores, era extremamente útil e os usuários do nosso sistema telefônico estão realmente sentindo sua falta. Muito feliz e oportuno o comentário do colunista sobre o assunto.

Festa da Cerveja

Sábado próximo, dia 21, estará acontecendo a II Festa da Cerveja promovida pelo Diretório Acadêmico "Prof. Alfonso Bovero", da Faculdade de Medicina de Jundiá. Como no ano passado, o local do bebum geral será a sede da Associação Esportiva Jundiáense. As canecas foram colocadas à venda aos preços de Cr\$ 40,00 e Cr\$ 30,00 para estudantes. Ainda bem que enviaram a nossa por conta desta colher de chá! (C.F.P.).

Nobreza

inglesa tá dando arreglo

Primeiro, na crise dos anos 60, alugaram seus castelos. Agora — contou a Veja da semana passada — os lords e outros nobres ingleses alugam suas presenças físicas em festas particulares. Os novos ricos que desejam status, pagam outras despesas, até 2 mil cruzeiros pela simples aparição de um nobre nas recepções que programam.

É a crise econômica na ilha. Ninguém está escapando dela, nem mesmo a rainha que recentemente sofreu violentos cortes em suas verbas pessoais.

Se a coisa apertar, na década de 80 os nobres bretões estarão alugando até as suas caras coroas (A.F.).

Essa é pro Bartimeu

Esta foi contada pelo próprio Piau, ponta-esquerda do Corinthians quando ele jogava no XV de Piracicaba, apareceu por lá um técnico que não gostava de apelidos. E foi logo perguntando a ele qual seu nome correto:

— Eronildes — respondeu o jogador.

O técnico pensou um pouco e desistiu:

— Bom, fica Piau mesmo... (Emílio Braga)

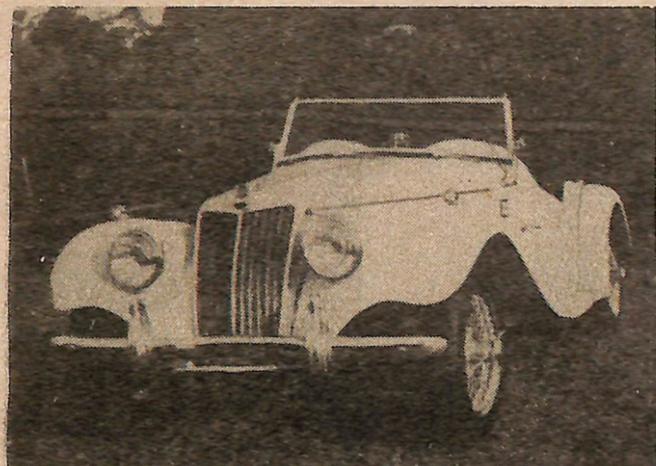
E a bola continua em jogo

Do gaúcho Dupont Sauthier, torcedor do Internacional, revoltado com o sistema de disputa do Campeonato Brasileiro: "Acaba uma fase, começa outra; acaba a outra, começa mais uma. O campeonato mesmo, que é bom, não acaba nunca. Por que então, não mudam o nome para "Taça Generalissimo Franco"? (A.F.)

Caso policial quase encerrado

Depois de uma série de prisões e de terem circulado as mais diferentes versões sobre o móvel do crime, tudo indica que a polícia já botou as mãos no assassino do guarda do prefeito. Entre os boatos que circulavam no começo da semana, sobre isto e sobre aquilo, em torno do rumoroso caso, apareceu a motícia (não divulgada pela imprensa até 6ª feira) de que tudo já estava quase totalmente esclarecido, faltando tão somente localizar-se os outros dois pivetes que junto com

David Lima (este preso na terça-feira) haviam tomado parte na mal sucedida aventura de tentar tirar algum do cofre do alcaide. É preciso que se dê publicidade ampla ao fato (lógicamente, tão logo a polícia possa) a fim de por um parafuso na boataria que continua havendo na cidade, onde se esquece que uma vida foi violentamente tirada, naquela noite de 7 de novembro, a um funcionário municipal que sequer percebia adicional pelo risco de sua função. (C.F.P.).



Avallone-TF: do peru!

A partir de fevereiro do ano que vem você vai ver, rodando em grande estilo pela, o sensacional Avallone-TF, réplica em fibreglass do MG que arrebatou corações nos anos 53, 54, 55.

Quem vai fabricar? Quem? Antonio Carlos Avallone,

corredor, fabricante de Fórmula Super Vê, Fórmula Ford e Esporte Nacional. Uma senhora experiência, a serviço do novíssimo Avallone-TF.

O carango terá mecânica Chevette e a sua produção já está totalmente vendida até abril de 76.

Preço: Cr\$ 85.560,00. (E.M.)

Giácomo Itria, um caminho espinhoso

Ninguém se mexeu ainda para dar fim — ou pelo menos uma boa parada — naquele robusto espinheiro que "enfeita" a mureta da casa localizada na esquina da rua Giacomo Itria com a avenida Jundiá, o qual foi aqui denunciado pelas estudantes e demais pessoas que passam diariamente por ali vendo o risco que todos correm de ser espetados.

Em tempo, vimos um reparo na notícia divulgada pelo J.2ª, nº 18: do mesmo modo que o espinheiro se espalha da mureta da casa sobre a calçada, quase chegando a alcançar a árvore em frente, plantação idêntica, formada em torno da árvore, espalha-se também sobre a calçada procurando fundir-se com sua congênere junto à mureta da casa.

E fazemos ainda um adendo: todas as árvores daquela rua, a partir da avenida Jundiá, estão contaminadas por tal espécie de planta, que circunda completamente suas bases.

E vejam que aquele trecho de rua é o que leva aos portões do Ginásio Municipal de Esportes. (C.F.P.).

Um "mediavel" dos pobres

"Um, dois, feijão com arroz", é, disparado, o melhor (repite: o melhor) e, paradoxalmente, o mais barato barzinho e restaurante-musical de São Paulo. E, posso garantir: é também, de longe, o mais simpático e acolhedor local para você curtir sua fossa (no caso de você ser masoquista), ou (caso você não tenha vocação para mártir), libertar-se dela (da fossa, entendeu?).

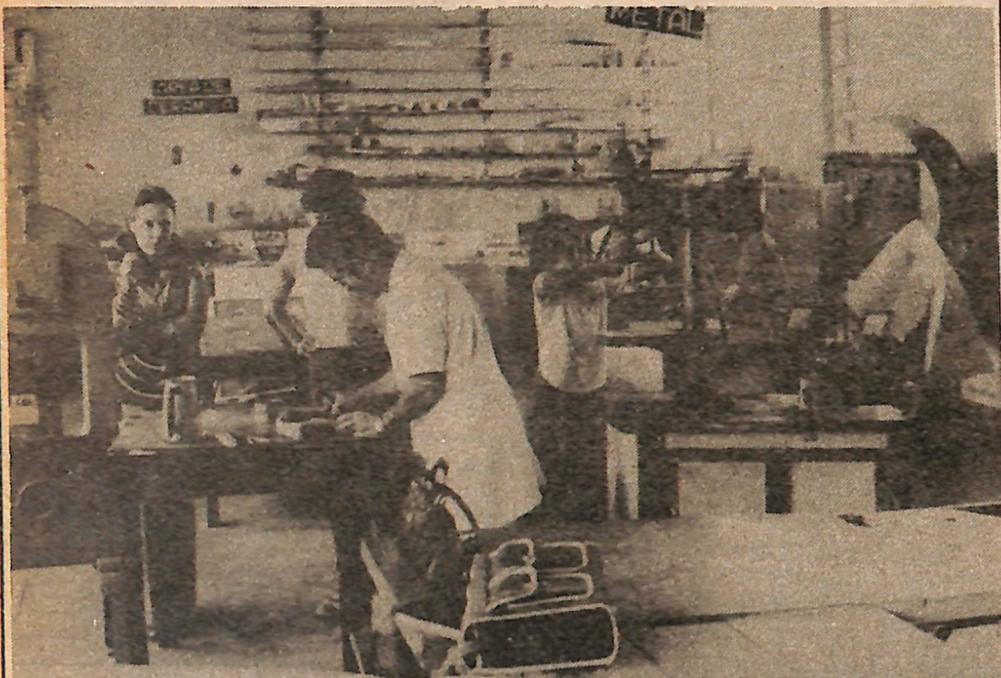
Essa joinha de local, fica na Rua Vitória, atrás da Praça da República, e, para a alegria dos frequentadores das boites e inferninhos da rua Augusta e adjacências, fica aberto dia e noite. Explico: frequentador do "Medieval" que se preza, não deixa de jantar (ao sair da boite), no "Um dois, feijão com arroz".

Esta dica é muito preciosa: se você é do tipo, que não pode pagar o "couvert" exorbitante da boite "Medieval", e, contudo, morre de vontade de conhecer o pessoal (artistas e espectadores) daquela famosa boite, vá jantar no "Um dois, feijão com arroz", a partir das 4hs. da manhã, que, nesse horário da madrugada, você verá (posso garantir) toda aquela turminha jantando um "arroz a carreteiro por Cr\$ 6,50; um tutu à mineira por Cr\$ 6,00; um feijão gordo por Cr\$ 8,00; um bife à milanesa por Cr\$ 10,00 e etc."

Por que você não faz o mesmo e curte a sua "mediavel" sem "couvert"? Será que fui clara? Será que você me entendeu? (C.F.)



O Geva, uma das melhores escolas da região



Instalado a princípio num hotel adaptado, à rua Barão do Rio Branco, perto da estação rodoviária, o Ginásio Estadual de Vila Arens — Geva — iniciou as suas atividades no dia 7 de março de 1959. A diretora Lígia Garcia teve dificuldades em colocar carteiras dentro daqueles quartos do Hotel Rio Branco, a fim de dar condições de instalação à escola criada pela lei 5061 de 23 de dezembro de 58.

Já em 1961, a 28 de setembro, a lei estadual 6319 autorizava a instalação do curso colegial. Desde então, a escola começou a receber cada vez mais alunos e se expandiu de tal forma, sendo hoje considerada uma das melhores da região e com melhor curso de segundo grau.

Com grande número de alunos nas salas de aulas improvisadas, a direção viu cada vez mais crescendo a necessidade de se instalar num prédio com melhores acomodações. A 12 de maio de 62 isto aconteceu: a Prefeitura firmou contrato para a construção do esperado prédio e a escola transferiu-se em 1964 para o alto da Vila Progresso, à rua Anita Garibaldi, 202, onde até hoje está instalado.

Nessa época era denominado ainda de Geva. Somente em 1968, através da Lei 7081 de 24 de novembro que passou a se chamar Colégio Estadual "Dr. José Romeiro Pereira".

Um tempo em que a sua direção já se preocupava com o problema de opção profissional dos alunos, mantendo professores trabalhando na assistência pedagógica. Profissionais especializados nos mais diversos ramos eram convidados para realizarem palestras e testes vocacionais eram aplicados com a finalidade de despertar e desenvolver o potencial de cada um.

Em 1968, o Geva foi uma das 60 escolas em todo o estado, escolhida para ser posto em funcionamento o regime pluri-

curricular, que veio ao encontro dos interesses da escola. Era um tipo de curso de orientação vocacional com prática de artes industriais e educação para o lar. E foi através de resultados dessas experiências que o governo se baseou para a reforma do ensino a ser implantada no próximo ano.

Antes disso — por volta de 62 — outra preocupação da escola era a de manter uma estrutura de funcionamento a fim de fixar o professor na escola e também dar um sentido de equipe. E por causa dessa preocupação, a escola se tornou uma das melhores da região.

Atualmente com 27 professores — um número considerado pequeno — o Colégio Estadual tem, segundo o assistente pedagógico, Nelson Figueiredo Brito, "o número exato de professores de que precisamos". Explica dizendo que "esses professores se dedicam inteiramente à escola, participando da vida escolar, tomando posição ativas nas reuniões pedagógicas e também nas outras atividades extras. Essa equipe hoje montada, começou a se solidificar a partir de 68, quando os professores começaram a ser treinados na antiga Divisão de Assistência Pedagógica".

O planejamento pedagógico se impôs desde 70, quando a escola adotou nova estrutura; através de prévios estudos, ela se reformulou constantemente com a finalidade de ministrar aos alunos, aquilo que realmente era necessitado. Carlos Franchi — hoje titular de Linguística na Unicamp — foi o primeiro professor a comandar a assistência pedagógica, seguido pela efetiva na cadeira de Português, Ivanira Dadalt.

Em 71 essa função passou para Nelson Figueiredo Brito, que a detém até hoje. "Fazemos reuniões semanais, nas quais participam todos os professores, a fim de estudarmos novos planos".

Fruto desse trabalho é refletido no prestígio que a escola

possui e a grande procura pelos alunos. Constantemente são realizadas avaliações para se ter uma noção de como os estudantes estão reagindo quando deixam a escola. E os índices mostram que o ingresso de alunos do 3º ano do 2º grau nas Faculdades é de 80 a 90 por cento, "considerado altíssimo para qualquer escola".

Construído sem previsões para o futuro, o prédio da escola logo tornou-se pequeno.

Quando o sistema pluricurricular foi adotado, um outro prédio menor foi construído para abrigar as oficinas, onde os alunos das quintas às oitavas séries trabalham semanalmente. E os cursos de mecânica, de artes gráficas, de trabalhos com metal, de eletricidade foram sendo ministrados, não no sentido profissionalizante mas como uma sondagem nas vocações.

Para as meninas, cursos de alimentação, vestuário, melhoramentos para o lar, enfermagem e puericultura. No início, todas apresentaram uma certa surpresa, mas depois se libertaram e assumiram todas as responsabilidades que lhes são dadas. Os alunos aceitam e se integram ao trabalho, sentindo a necessidade do relacionamento humano e da formação de equipes para fazer com que os serviços sejam realizados a contento. Meses depois, eles tomam conta das oficinas e realizam desde a supervisão até a parte de limpeza. Quando se acham na oitava série, possuem uma auto-afirmação e já se sentem úteis, pois dominam vários ramos e atividades.

Hoje com 1100 alunos e um índice de aprovação de 86,4 por cento, a escola se prepara para receber a atualização pedagógica, que deverá ser implantada em 76. Os professores já em sua totalidade, participaram dos cursos obrigatórios que estão sendo ministrados na capital, e agora estão coordenando a sua implantação em Jundiá.

Com problemas e pressões, o bom relacionamento professor-aluno



Logo atrás do cemitério, no final da rua Francisco Pereira Coutinho (a única sem calçamento na Vila Municipal), um prédio em construção abriga uma família de aproximadamente 280 pessoas. Uma grande família que se encontra todos os dias nesse edifício, onde desde 1974 funciona a escola de Primeiro Grau "Divina Providência", com direção de Diva Teixeira Coelho Saraiva e Maria Tereza Pardini.

Uma escola que não é tão grande quanto as outras existentes na cidade e nem tão concorrida quanto ao movimento de vendedores ambulantes — só há uma carrocinha de "Cachorrão" por perto — ela apresenta problemas iguais aos das outras escolas, municipais e estaduais. Mas um se destaca: é o problema econômico. Ou que melhor se diga, a dificuldade da escola suprir-se dos recursos necessários, material humano e escolar, valendo-se apenas das mensalidades recebidas.

Se isso existe, em compensação toda a parte de secretaria não tem aquela excessiva burocratização como ocorre nas demais escolas; a diretora, ao invés de ser uma pessoa inatingível pelos alunos que se divertem pelos corredores e que vão a sua presença somente para serem repreendidos, é chamada carinhosamente de tia, como também todas as professoras.

Antes, como Curso Particular de Preparatório, o prédio do Externato Divina Providência — seu antigo nome — era na rua Rangel Pestana, 611/619; esse imóvel fazia fundos com o Credi-Rel e com o Solar do Barão. Em 1971, adotando as medidas governamen-

tais, o Externato passou à Escola de 1º Grau e ampliou o seu número de alunos. E o velho casarão da rua Rangel Pestana começou a receber mais crianças com o passar dos anos, indo se adaptando de acordo com as necessidades.

Mas, no início de 73 o proprietário do prédio — um comerciante — pediu que ele fosse desocupado a fim de ampliar as instalações de sua loja, fato que tomou de surpresa a direção da escola, que não encontrou outro local para onde a escola pudesse se transferir: sem perda de tempo iniciaram a construção desse prédio ainda inacabado. Em março de 1974, sem piso e sem batentes, a escola mudou-se para a rua Francisco Pereira Coutinho. "E até que foi uma mudança para melhor — comenta a diretora Diva — pois aqui temos mais

espaço e um prédio maior. Não temos o barulho dos carros que havia na Rangel, além do que a vizinhança colabora com a gente sempre que é preciso".

A Escola está funcionando em dois períodos: matutino e vespertino e, além de seguirem o currículo do núcleo comum, existe também uma parte diversificada, que corresponde a atividades artísticas e plásticas, como música, desenho e ginástica rítmica. A língua inglesa é ministrada desde o maternal e o francês — atualmente fora do currículo normal — é lecionado desde a quinta série. É pensamento da direção dar também aos alunos "algumas idéias da língua alemã".

"Com isso — afirma a diretora — completaremos a área de comunicação e expressão, que julgamos a

mais importante para os dias atuais".

Apesar das dificuldades financeiras naturais que a escola tem, a seleção dos professores é um dos pontos que mais preocupa a direção. "Nosso intuito é trazer professores que não sejam apenas capazes, mas também educados e que saibam conviver com as crianças. E, sem falsa modéstia, nós sempre conseguimos esse relacionamento aluno-professor, pois entre eles há um nível de amizade e de mútua compreensão". Todas as classes elegem uma professora de conselheira e a ela levam seus problemas.

Todas essas preocupações cativam os alunos, que normalmente voltam ao prédio da escola fora do período de aulas para conversar, fazer algum trabalho ou mesmo brincar com seus colegas.

Diva Teixeira diz que a escola faz todo o esforço para manter o ensino num nível dos melhores, acima daquele que está sendo exigido atualmente, quando os alunos se formam no primeiro grau e ainda não sabem redigir e nem resolver as questões ginasiais "Algumas pessoas dizem que estou quadrada pela maneira pela qual dirigimos a escola, mas é bom frisar que não cedemos às pressões, porque realmente elas existem e estão sempre a querer nos comprimir. Mas a nossa luta é vencedora e a nossa preocupação para que o aluno não sofra impacto algum ao sair daqui tem e terá êxito".

Com doze salas de aula — uma delas transformada em diretoria — a escola mantém ainda um minilaboratório e uma biblioteca. "Mas o nosso sonho é ter uma biblioteca e trabalharmos com salas ambiente".